

*Ao encontro do caminho na vida*  
*uma viagem ao sertão em busca de si mesmo*

José Carlos Corrêa Cavalcanti



São Paulo, 2007



*Ao encontro do caminho na vida*  
*uma viagem ao sertão em busca de si mesmo*

Copyright© 2007 by José Carlos Corrêa Cavalcanti  
Direitos em Língua Portuguesa reservados ao autor através da  
CASA DO NOVO AUTOR EDITORA LTDA.

Editores  
Fausto Martorelli  
Katya Marcos da Silva

Capa  
Casa do Novo Autor Editora

Projeto gráfico  
Casa do Novo Autor Editora

Assistente editorial  
Alessandra Félix

Revisão ortográfica  
Casa do Novo Autor e autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro), SP, Brasil)

Cavalcanti, José Carlos Corrêa

Ao encontro do caminho da vida- uma viagem ao  
sertão em busca de sí mesmo, Casa do Novo Autor  
Editora, 2007

ISBN: 978-85-7712-052-9      CDD - 869.93  
07-0718

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93

CASA DO NOVO AUTOR EDITORA  
CNPJ 02.360.971/0001-78 Insc.Estadual 115.328.382.115  
Rua General Lecor, 56 - Ipiranga - 04213-020  
São Paulo - SP - Telefax: (011) 6169-9963/6163-0709  
e-mail: casadonovoautor@uol.com.br  
www.casadonovoautor.com.br

# Dedicatória

Eu poderia ter nascido em São Paulo, onde o casal Fany e José (Zuca) estava estabelecido, e já tinha meu irmão mais velho. Mas então não seria mais exatamente “eu”, e este livro, que procura desvendar o significado dessa misteriosa palavra, seguramente não existiria.

A aventureira viagem da pequena família rumo ao agreste de Pernambuco, há muito tempo atrás, não teve outro resultado prático senão propiciar meu nascimento naquela terra, cercado de eventos que beiram o mágico e também o trágico.

Esses acontecimentos envolvem a predição da cartomante anunciando o filho não previsto, o parto complicado, ao qual não faltaram as lágrimas de meu pai e as rezas de meus avós, e, meses depois, a longa caminhada de uma jovem mulher com um bebê ao colo, sob o sol escaldante do sertão, à procura de um raizeiro chamado José Antônio.

Este, dado o risco de morte que a criança corria, aconselhou que ela fosse batizada, e, na urgência da situação, veio a ser o seu padrinho.

Portudo isso, dedico este livro à minha mãe, Fany, e à memória de meu pai, José (Zuca), de meus avós Leonardo e Luíza, e de meu padrinho José Antônio.



# Agradecimentos

À minha Mãe, Fany

À Neila, minha namorada,

Aos meus irmãos, Estelita e Eduardo

À minha prima Elza,

À Patrícia, da Associação Universal Misericórdia



# Prefácio

Neila Castro

Esse é um livro sobre a busca de unidade no espírito humano. É difícil dizer qual é o seu estilo, pois nele mesclam-se aventura, ficção, misticismo e elementos autobiográficos, em uma narrativa absorvente que apresenta idéias e descobertas que podem auxiliar o surgir da compreensão em cada um.

Enredado nos descaminhos de sua vida, o autor empreende longa viagem em busca de compreensão, significado e sabedoria. O homem em crise volta à sua origem, para descobrir a raiz de seus males. Nessa viagem ele resgata seu passado, reencontrando homens, fazendas e animais que fizeram parte de sua infância, no agreste do Estado de Pernambuco.

Com o olhar da maturidade, José Carlos aborda assuntos vitais como a natureza dual do homem, as duas fases da percepção, e a tragédia da ego-separação do homem em relação ao Divino ou Absoluto — pouco importa o nome — separação que é a fonte de seus tormentos psíquicos, mas que pode ter um significado profundamente religioso.

Caminhando pela caatinga em companhia de um sábio do sertão, ele expia seus equívocos e descobre um caminho na vida, sendo alertado de que deverá vivê-lo e aferir sua validade no embate com os desafios do cotidiano.

Trata-se de um texto às vezes denso, mas de leitura sempre agradável. Que ele possa ajudar o leitor a atravessar as águas revoltas da existência, é seguramente um forte desejo do autor, e também, posso dizer, uma possibilidade real e sempre presente.

Qualquer semelhança não é mera coincidência; a trajetória de José Carlos é a mesma de tantos de nós. Não será a caatinga deserta, onde a vida se manifesta pela vegetação áspera e por cactáceas espinhosas, uma metáfora de nossa existência, quando transitamos por prolongadas fases de provações?

Assim, também, não será coincidência que o ponto de transição de sua vida se dê sobre a ponte Petrolina-Juazeiro, ante as águas sempre renovadas do Rio São Francisco.

Confira então, caro leitor, em que medida este livro se refere à sua própria vida, lendo-o com uma atitude de real interesse por si mesmo.

# Sumário

Introdução 13

Capítulo 1 – Um novo contexto 17

A viagem – chegada em Petrolina – encontro com velhos amigos – O raizeiro José Antônio

Capítulo 2 – Rumo a Vapabuçu 23

Primeira ida a Vapabuçu – A viagem perdida – Um lugar estranho

Capítulo 3 – Uma nova incursão 29

O encontro com José Antônio – O primeiro diálogo – Uma radiografia emocional – O crepúsculo no sertão

Capítulo 4 – O estado de auto-observação 39

A primeira noite no sertão – Praticando o autoconhecimento e descobrindo a si mesmo

Capítulo 5 – A dança dos opostos 47

Pares de opostos – Amor, liberdade e felicidade como conceitos relativos – Prazer e dor andam de mãos dadas

Capítulo 6 – Relativo e Absoluto 59

A mente humana é o plano das coisas relativas - O Absoluto é inacessível ao pensamento – Que quer dizer o Salmo 91 – v. 1?

Capítulo 7 – O que é a compreensão? 67

Um raio que brilha na noite escura – o apego à claridade traz mais escuridão – Sabedoria não é conhecimento

Capítulo 8 – Dualidade 75

Modelos dualistas da mente podem atingir o Divino? – A falta de unidade do espírito humano – Podem-se adquirir méritos por meio do conflito e esforço?

## Capítulo 9 – Raízes da ego-separação 83

O abismo entre o plano relativo e o Absoluto

– O problema da relação sujeito-objeto – A Felicidade como energia consciente de si mesma

## Capítulo 10 – Uma festa no sertão 93

O carro de boi – Canções populares como retrato da eterna procura humana – Brincadeiras em família

## Capítulo 11 – Uma noite de mistério 99

A ingestão do chá Ayahuasca – Transitando pelo mundo astral – Nada agarrar e nada expulsar – A fogueira na madrugada – Dormindo e acordado ao mesmo tempo? - O nascer do sol

## Capítulo 12 – O dia seguinte 111

O sentido de identidade prossegue após a morte? – O que há de comum entre a ternura, a vaidade e a ira? Defendendo nosso sentido de identidade pessoal

## Capítulo 13 – O segredo da percepção 117

O mecanismo pessoal de reconhecimento do cérebro – Percepção é reconhecimento? – As duas fases da percepção – A queda do Paraíso – O Filho Pródigo

## Capítulo 14 – A despedida 129

Demolindo as muralhas de autodefesa – A aprendizagem intelectual não é efetiva – Um corpo de conceitos e crenças: capital espiritual? – O adeus ao sertão

## Capítulo 15 – Ponto de transição: a ponte Petrolina - Juazeiro 135

Um resumo dos ensinamentos – O “Velho Chico” – Um novo recomeço.

# Introdução

Este é um livro sobre a descoberta do que realmente somos, para além de nosso mundo de palavras. Os caminhos que temos que trilhar para isso, não raro, estão no meio de todo tipo de provas, tropeços, dúvidas, tristeza e falta de sentido com que deparamos em nossa existência.

Tais coisas não parecem absolutamente ser bons conselheiros para a sabedoria, pois trazem desânimo, mágoas, culpas e revolta, mas, de modo muito estranho, preparam o coração para receber uma dádiva que, no meio da alegria e prosperidade, talvez não fosse percebida.

Farei apenas um breve resumo do contexto que motivou o surgimento deste livro.

Ao completar meu tempo de contribuição previdenciária requeri minha aposentadoria, tendo trabalhado quinze anos no Magistério e vinte anos com Informática. Não consegui mais nenhuma colocação no mercado, e nem tinha mais vontade de trabalhar oito horas diárias nessa área tão estressante.

Mas continuei com algumas atividades de prestação de serviços, o que me rendia um pequeno valor adicional. Houve, porém, uma diminuição considerável de minha renda, que eu compensava com economias que programara para esse período, e assim fui “tocando” a vida.

Morando só, há muitos anos, em pouco tempo de aposentado percebi que estava havendo um progressivo empobrecimento nos meus relacionamentos, não só pelo lado profissional, mas, principalmente, porque meu foco de interesse havia mudado radicalmente.

Já não estava numa empresa, onde forçosamente se desenvolvem inúmeros relacionamentos, e os novos assuntos que passaram a me interessar profundamente referiam-se ao sofrimento, à finitude e à busca interior de significado para esta existência instável, com seus ganhos e perdas, alegrias e dores, nascimentos e mortes.

Vi, porém, que mesmo entre os meus amigos os pontos de contato haviam diminuído muito, pois os temas existenciais que me interessavam pareciam estar completamente deslocados das preocupações da maioria das pessoas. Isso gerou um isolamento que foi uma fonte de desgostos, repercutindo inclusive na minha saúde.

Em conseqüência, eu estava muito infeliz, em plena crise, aos cinqüenta e cinco anos! Distraía-me andando nas alamedas frondosas do Parque Ibirapuera, nas horas desertas das manhãs frescas, ou lendo bastante literatura esotérica e navegando um pouco na Internet.

De minhas lembranças antigas, eu sabia que os Beatles, no auge da fama e riqueza, haviam se aproximado do misticismo indiano e tinham sido fortemente influenciados por um certo guru e suas mensagens. Assim, pesquisei na Internet por textos de sabedoria daquele país e descobri que realmente ela expressava uma espiritualidade muito profunda, com forte abordagem psicológica, que me interessou bastante.

Eu achava que pela leitura atenta de textos sobre amor, paz, liberdade, sabedoria, inteligência e compaixão, na visão dos grandes sábios da humanidade, eu descobriria algo para me tirar da depressão em que estava imerso. Infelizmente, porém, não tive sucesso, e meus dias sucediam-se sem perspectiva de compreensão, alegria nem paz.

Assim prossegui vários anos, insatisfeito e triste comigo mesmo e com tudo, e, como espelho, o mundo refletia acidamente minha amargura. Quando a convivência comigo mesmo se tornou insuportável, resolvi reeditar uma prática comum na minha juventude: passear pelo Brasil de carro, mesmo sabendo que os tempos eram outros, e que as estradas estavam muito mais perigosas.

Mas eu achava que mudar de ares, ver antigos amigos e fazer novos relacionamentos poderiam me ajudar a romper com o círculo vicioso que me prendia ao isolamento, depressão e tristeza, o que realimentava minha tendência ao isolamento.

Este livro é um relato de como, nessas andanças, acabei por conhecer algumas pessoas de sabedoria, que me mostraram a raiz de meus males, possibilitando-me a descoberta de um caminho

na vida.

Eu o dedico a todos aqueles que estão numa espécie de beco sem saída existencial, lembrando-lhes que a crise pessoal é o fator que desencadeia novas descobertas e possibilidades. Com certeza, porém, há muitos riscos nesse processo, e eu espero que os relatos aqui contidos possam ajudá-los a abrir uma clareira de luz e significado em meio a uma floresta escura de ignorância, medo e dor.



# Capítulo 1

## Um novo contexto



## Capítulo 1 – Um novo contexto

Após algumas semanas de preparativos para uma longa ausência, chegara a hora tão esperada. Arrumei minha mala de roupas e pertences pessoais e, numa bela madrugada, peguei a via Dutra para iniciar meu périplo. Eu estava me sentindo bem disposto, e o empreendimento fazia-me lembrar uma viagem semelhante que fizera nos meus vinte anos.

Eu tinha alguns amigos na cidade de Petrolina, no Estado de Pernambuco; um casal com o qual trabalhara muitos anos, no começo da minha carreira no magistério, e que não via há décadas. Havia entrado em contato com eles e combinado uma visita para julho, quando o calor na região é mais suportável. De São Paulo até lá havia uma larga distância, mas eu não tinha pressa: queria aproveitar a viagem, parando em várias cidades ao longo do percurso.

Não vou entrar em detalhes sobre as estradas onde rodei, nem as cidades por onde passei. Em geral, a viagem-passeio foi tranqüila e, depois de muito rodar, cheguei a Petrolina dez dias depois, num sábado à tarde.

Espantei-me com o tamanho da cidade, que se tornara um pólo de desenvolvimento daqueles sertões. Mas era um belo lugar, ainda com muitas praças e ruas silenciosas, coisas raras para quem vem de uma cidade grande. Hospedei-me num hotel central, simples, porém confortável, situado em uma grande praça, com muitas árvores e bancos.

Muito tempo antes, eu já estivera naquele lugar. Na ocasião, chegara a dirigir mais de mil quilômetros num único dia, e nem ao menos me cansara. Era jovem então, com pouco mais de vinte anos. Mas, agora, meu corpo alquebrado lembrava-me que os anos haviam passado. Tinha dirigido umas oito horas seguidas, sem almoço, só com um lanche feito num posto simples de beira de estrada.

Tomei um banho refrescante e depois descansei um pouco numa cama de casal. Estava num andar alto e abri a janela para

apreciar a vista. Tudo parecia tão calmo... achei engraçado estar ali, onde o tempo parecia passar mais lentamente, para rever amigos dos tempos de faculdade, há décadas atrás.

Telefonei para eles, dando conta de minha presença na cidade. Eles já me aguardavam, e me deram algumas indicações de como achar sua residência.

Pouco depois, desci e caminhei um pouco pela praça, apreciando as redondezas. Resolvi ir a pé, pois meus amigos – Júlio e Marlene, um casal de meia idade, com um filho moço, casado, residente na capital – moravam perto do centro, em uma casa grande com alpendre, que localizei com facilidade.

Foi muito agradável revê-los. No tempo de estudantes, e também depois de formados, havíamos sido ótimos companheiros de turma e de magistério. Eles já namoravam nos tempos de estudante e se casaram logo após a conclusão do curso, indo trabalhar como professores de uma universidade, onde fizeram carreira. Anos depois, já aposentados, mudaram para essa cidade, onde levavam uma vida calma e sem grandes preocupações.

Conversamos muito sobre os tempos de escola, e sobre as direções que tomamos depois de formados, perdendo o contato pessoal por muitos anos. Ao cair da noite, fizemos uma ceia agradável e prolongada. Estávamos em apenas três na casa, tirando as duas empregadas, prestes a ir embora.

A certa altura, como costuma acontecer em conversas de cinquentões, a conversa derivou para problemas de saúde. De minha parte, reclamei de insônia, problemas digestivos, dores abdominais e indisposição geral, comentando, de passagem, que estava cansado dos ineficientes tratamentos convencionais, e que gostaria de encontrar algo diferente, menos superficial, que não visasse somente a erradicação dos sintomas.

Na verdade eu não sabia direito do que estava falando. Apenas imaginava que as doenças provenientes de desequilíbrios nervosos típicos dos habitantes das grandes metrópoles, com seus milhões de veículos poluindo a atmosfera, suas multidões de pessoas sempre estressadas e procurando desesperadamente todo tipo de distrações, levando uma vida distante da natureza e em extrema competição, deveriam ter um tratamento mais holístico, não restrito

ao específico sintoma apresentado.

Parecia-me que havia algo muito profundo dentro de mim que estava como que aprisionado, me angustiando, algo totalmente desconhecido cuja energia se conflitava com minha visão racional de mim mesmo e do mundo, e com minhas rotinas de trabalho e de lazer — e as doenças seriam manifestações dessa desarmonia.

Expus esses pontos de vista e perguntei a Júlio se conhecia alguém por aquela região capaz de me atender satisfatoriamente.

Ele pensou um pouco, e respondeu, vacilante:

— Não, José Carlos, não creio que conheça ninguém, pelo menos, não me lembro... eu e Marlene temos planos de saúde comuns, e nos utilizamos de sua rede conveniada, sabe, toda essa coisa de médicos e hospitais, laboratórios e exames, para nós está funcionando razoavelmente bem.

— Isso é exatamente do que estou fugindo, respondi.

— Mas, atalhou Marlene, talvez haja alguém, mas não nesta cidade, lembra-se, Júlio? Você foi lá há uns doze anos...

— É verdade, respondeu Júlio — trata-se de um homem chamado José Antônio, que mora em Vapabuçu, um lugarejo a mais ou menos duas horas de viagem daqui. Pouco se sabe da vida dele, exceto que também é destes sertões, embora de outra região. Parece que estudou medicina quando jovem, mas abandonou o curso sabe-se lá por quê. Já trabalhava com ervas curativas e, quando se mudou para cá, associou-se com um curandeiro índio, que lhe fornece raízes e folhas medicinais. Isso já faz muito tempo, e ele deve estar bem velho hoje em dia, se é que está vivo. Não sei se vale a pena ir até lá.

Fiquei interessado. Tinha tudo o que eu queria, inclusive uma aura de mistério, de dificuldade, até de impossibilidade.

Perguntei:

— E como posso encontrar José Antônio?

— Bem, respondeu Marlene, terá que ir até Vapabuçu e perguntar por ele, pois naquele tempo ele morava um tanto afastado do centro da cidadezinha.

— Mas não aconselho, apartou Júlio — aquela região ainda

é muito atrasada e, afinal de contas, o homem pode já ter morrido e, caso contrário, nem sabemos que benefício real poderia haver para você em avistar-se com ele, se é que haveria algum.

— Não sei, vou pensar melhor durante a caminhada de volta para o hotel, disse eu, levantando-me da mesa, e despedindo-me deles.

## Capítulo 2

### Rumo a Vapabuçu



## Capítulo 2 – Rumo a Vapabuçu

Toda aquela conversa, porém, só me aumentou o interesse pelo assunto. No dia seguinte, domingo, após o almoço com eles e um breve descanso, peguei o carro e enveredei pela estrada de Vapabuçu.

Após rodar alguns quilômetros margeando o Rio São Francisco, saí da rodovia principal e peguei uma estrada à esquerda, rumo a Vapabuçu. Era uma estrada de mão dupla e com asfalto meio precário, mas parecia bastante sossegada. Em pouco tempo, as primeiras impressões de fartura e progresso cederam espaço para uma paisagem cada vez mais desolada, quente e desértica.

Depois de rodar bastante, finalmente cheguei ao centro da cidadezinha, em uma praça grande com poucas árvores, e com algumas pessoas sentadas nos bancos. Havia alguns bares e lanchonetes, um posto de gasolina, agências bancárias, farmácias, a igreja matriz, hotéis. Saindo da praça havia muitas ruazinhas estreitas, onde aparentemente se situava o comércio local.

Parei o carro e saí para indagar sobre o paradeiro de José Antônio. Mas as pessoas pareciam desconhecê-lo, ou eram reticentes, me olhavam com desconfiança e respondiam vagamente.

— O que você quer com ele? — indagou um sujeito em uma rodinha, em frente a um bar, a quem eu havia pedido informações.

Expliquei, por alto, qual era meu interesse, e ele se voltou para seus companheiros para expor o caso, em voz baixa, como que se aconselhando, e mantendo-se sempre de costas para mim. Após algum tempo, ele se voltou e disse simplesmente:

— É meio longe, e já está ficando tarde, volte outro dia, moço.

Foi então que me dei conta que já eram quase cinco horas da tarde. Talvez ele tivesse razão; eu não gostaria de ter que andar à noite por aqueles lugares. Mesmo assim, insisti, alegando que tinha vindo de longe, e que tinha certa urgência de conversar com José Antônio.

— Então, disse um velho da rodinha de amigos, com a qual ele parecia ter-se aconselhado — pegue a estrada e vá em frente até chegar a um vilarejo, a uns quinze quilômetros daqui. Passando uma igrejinha, pegue a primeira rua à direita. A casa dele fica no final dessa rua.

— Mas depois não diga que não avisamos, disse outro.

Agradei e fui em frente. O caminho não permitia muita velocidade, mas as indicações foram precisas, de modo que em pouco tempo estava na tal rua, comprida e sinuosa. Lentamente, rodei por seu leito pedregoso até o final, chegando a uma casa de esquina, em um terreno grande com algumas árvores, rodeado por um muro baixo.

Parei o carro e saí.

Percebi que, com o motor do carro desligado, havia um silêncio total. Esse silêncio e toda a paisagem circundante tiveram um efeito estranho sobre mim e fiquei um pouco apreensivo. Quis resolver logo aquilo.

O portão estava apenas encostado. Havia umas galinhas ciscando e um cão velho dormindo, perto de um poço. Bati palmas e gritei por José Antônio, mas ninguém atendeu. Achei estranho, pois parecia haver gente por perto. Senti que estavam me observando e fiquei um tanto incomodado. Repentinamente, começou a ventar forte. Tive a impressão de que havia algo estranho naquele lugar.

Fui entrando, devagar. De vez em quando parava e batia palmas, mais para verem que eu não era um invasor. Quando dei por mim, estava rodeando a casa, que era grande e antiga. Na parte da frente havia um alpendre comprido, com uma cadeira de balanço e algumas poltronas velhas, e nos fundos havia um extenso quintal.

As portas da casa estavam trancadas e não se percebia nenhum movimento em seu interior. Eram quase seis horas. A luz solar ia perdendo intensidade, e achei que devia ir embora.

Olhei a paisagem em redor; era deserta. Abria-se uma campina de vegetação rasteira que se espraiava até uma montanha distante. Pensei que ao menos o alvorecer naquelas paragens devia ser muito belo.

Quando ia entrando no carro, uma mulher gritou, repetindo as palavras do homem da aldeia:

— O que é que você quer?

Ela permanecia do lado de dentro, com a porta apenas entreaberta. Respondi que procurava por José Antônio, para conversar sobre raízes medicinais.

— Ele saiu ontem para obter raízes e folhas, e só voltará amanhã, Venha à tarde, se quiser, disse ela, e fechou a porta.

“Que recepção!”, pensei eu, dando partida no carro e iniciando a viagem de volta. “Olhemos desse modo: o cliente procura um serviço e enfrenta todo esse sufoco para vir até o fornecedor, não o encontra, e é tratado desse jeito. Mas, também, eu podia ter perguntado pelo telefone dele”, continuei pensando, mas de repente notei que nas ruas não havia fios telefônicos.

“Isso está ficando interessante. Muito misterioso. Então não apenas o homem está vivo, mas muito ativo – até rimou...”, brinquei comigo mesmo, para aplacar o mal estar que me dominava.

Para piorar meu mau humor, de repente caiu uma chuva forte, e a estradinha ficou coberta de lama e poças d’água. Minha viagem de volta demorou mais de duas horas, e, quando cheguei, meu amigo Júlio, ao ver meu carro enlameado e minha expressão de desalento, disse:

— Então, pelo jeito as coisas não deram muito certo, não é? Não lhe disse que não valia a pena ir?

Quando contei minhas aventuras, durante o lanche da noite, ele se divertiu bastante. De fato, dificilmente as coisas poderiam ter saído piores. Marlene, entretanto, foi mais comedida, parecia preocupada.

— Talvez seja melhor mesmo você esquecer esse assunto, José Carlos. Coisas que começam erradas não costumam terminar certas...

Lembrei-lhes que não estivera indo a passeio, mas buscando solução para males bem reais, que não tinham encontrado cura na medicina convencional.

— Seja como for, completei, amanhã pretendo ir lá novamente.

Eles se entreolharam, e Júlio disse:

— Para falar a verdade, estávamos pretendendo visitar nosso filho Alfredo e sua esposa em Recife, e queríamos convidá-lo a ir conosco. Ficaremos lá mais ou menos uma semana.

— Sinto muito, Júlio, respondi — mas você me conhece, quando começo algo, gosto de terminar logo. Vou amanhã mesmo para Vapabuçu resolver esse caso. Talvez me junte a vocês no dia seguinte, talvez não. Mas fiquem à vontade.

— Está certo, José Carlos. Vamos deixar o endereço de Alfredo com você, e, se mudar de idéia, venha ter conosco. Anote também o número do meu celular, talvez precise falar comigo.

## Capítulo 3

### Uma nova incursão



### Capítulo 3 – Uma nova incursão

Fui para o hotel e tive uma noite agitada; como de hábito, demorei bastante para dormir, mas depois peguei num sono pesado e acabei acordando tarde. Fazia uma bela manhã, com um sol radioso. Senti-me animado. Após o café, levei o carro até um posto para lavar, abastecer e calibrar os pneus. Era uma segunda-feira. Deixei o carro no hotel e fui andar pela cidade, aleatoriamente e, logo depois do meio-dia, almocei num restaurante bastante concorrido perto das ruas centrais, onde havia um grande número de estabelecimentos comerciais e bancários.

Voltei para o hotel, a fim de preparar-me para a viagem. Passei o protetor solar e peguei um boné, pois o sol estava forte, fui para o carro e dei a partida. A sorte estava lançada.

Dessa vez fui direto até a casa de José Antônio, chegando em pouco mais de uma hora e meia. Parei o carro em frente à casa e descii. Notei que havia uma charrete dentro do quintal, e perto dela uma égua pastava tranquilamente. Havia também uma pequena porteira para passagem do veículo, que eu não observara antes. Sentado na varanda estava um homem alto e magro, claro, de cabelos brancos um tanto ralos, aparentando uns setenta anos. Tinha o olhar firme e usava roupas claras, segurando um velho chapéu de abas largas nas mãos.

— Vá chegando! disse ele, mantendo-se sentado numa cadeira de balanço.

Fui até lá e me apresentei, dizendo que tinha estado ali no dia anterior, mas ele fez um sinal com a palma da mão, de que não precisava continuar:

— Sim, já sei, Adélia me contou. Mas sente-se e fale de você, e o que pretende vindo até tão longe.

Da varanda podia-se ver uma enorme planície de vegetação rala que terminava numa cadeia de montanhas, azuladas pela distância. O conjunto todo dava uma sensação de calma; era como se, chegando até ali, me desaparecesse toda pressa e tensão.

Falei de Júlio e Marlene, que o haviam recomendado, e ele pareceu lembrar-se, pois assentiu com a cabeça. Conte-lhe mais ou menos o que lhes havia dito, acrescentando alguns dados pessoais e geográficos. Mencionei também a insônia, desconforto abdominal e indisposição como fatores imediatos de minha vinda, à procura de medicação em forma de raízes e folhas medicinais.

Procurei expor meu caso objetivamente, falando em tese, como se me referisse a outra pessoa, e apontando minha depressão como consequência da aposentadoria, da diminuição de renda, da poluição da cidade grande e outros fatores ambientais.

Enquanto isso, ele olhava para as montanhas distantes, aparentemente distraído, o que me incomodou um pouco. De repente, ele indagou:

— Porque você sente tanta ansiedade?

Fui pego de surpresa. De fato, ele tocara num ponto doloroso, que eu tentava disfarçar ao máximo em meus relacionamentos, sempre procurando passar a idéia de ser uma pessoa calma, centrada, ou de que as coisas estavam “sob controle”.

— Bem, não é sempre, respondi, mentindo — de qualquer modo, lá de onde eu venho, isso é bastante generalizado, talvez devido ao estilo de vida competitivo e ao nível de stress imposto por uma metrópole super-populosa, ruidosa e poluída demais.

— Você explica muito bem, mas não respondeu minha pergunta direito, disse ele, olhando-me de frente — de qualquer modo, há muitas coisas que não foram ditas, e é nelas que encontraremos as verdadeiras causas.

Achei antipática essa maneira de falar. Então, ele era o dono da verdade? Mas ao mesmo tempo fiquei curioso, e respondi apenas:

— Que coisas são essas, José Antônio?

— Por exemplo, seu desgosto por nunca ter encontrado nada que valesse realmente a pena, a sua vida inteira. Ou o hábito de justificar seus fracassos, jogando a culpa nos outros, ou sustentar falsas imagens, como a de um sujeito bondoso, solidário e equilibrado. Você não é nada disso!

O homem parecia ler dentro de mim.

— Como sabe?

— Pessoas assim são muito raras, e não precisam vir até aqui, respondeu.

— Mas eu vim por causa de pequenos males de saúde, apenas.

— Isso também não é toda a verdade, respondeu, com firmeza, olhando-me nos olhos. Fiquei agastado e respondi num rompante, sem nenhum controle nem ponderação:

— Diga-me se pode me ajudar ou não, pois não pretendo incomodá-lo desnecessariamente, nem tampouco perder meu tempo.

— Ah!, disse ele, agora sim!

— Que quer dizer?, respondi, ainda irritado.

— Quero dizer que finalmente largou seu lado educado e convencional, e foi mais autêntico.

— Não compreendo. Acho que a educação e as formalidades fazem parte de nosso ser civilizado, e que ajudam o mútuo entendimento.

— Talvez no seu mundo, mas aqui não há necessidade de usar suas máscaras.

— Não sei do que está falando, respondi.

— Você saberá quando seu espírito se libertar.

A essa altura, eu me sentia cansado e mal-humorado, sem saber se ficava ali ou se ia embora. O homem era direto demais, e parecia não ter dúvidas sobre o que falava. Infelizmente, porém, era verdade: em poucos minutos disse que eu era ansioso, que minha vida era uma representação e que meu espírito estava aprisionado!

Ele pareceu perceber meu desgaste, levantou-se, pôs o chapéu e disse, apontando com o braço para a campina em frente à casa:

— Venha, vamos dar uma volta por aí.

Pus meu boné e saímos. Já era tardinha, e o sol estava mais suave. Depois de caminhar alguns quilômetros em silêncio, chegamos a um riozinho barulhento, perto do qual havia algumas árvores. José Antônio parou para descansarmos sob uma delas. Olhou-me bondosamente.

— Não se melindre por dizer que seu espírito está preso. Isso é mais comum do que pensa; todos nós fomos moldados para obedecer, pensar e sentir de acordo com padrões de comportamento desejáveis na vida em sociedade. É normal ser escravo; o difícil é encarar isso de frente e procurar a liberdade.

Todo esse tempo estive em silêncio; sentia-me ofendido e aborrecido. Eu me perguntava o que estava fazendo ali, ouvindo alguém me chamar de escravo, e pensei se não teria sido melhor acompanhar Júlio e Marlene até a capital. Mas, de repente, comecei a sentir-me melhor. O calor tinha diminuído e o local tinha uma beleza estranha, quieta.

Senti que minha raiva desaparecera, e disse:

— Devo admitir, José Antônio, que, em parte, suas palavras refletem mesmo o meu estado. Além disso, há tempos me sinto deprimido, não durmo bem, e também tenho problemas digestivos, que já tratei com medicina convencional, porém, sem sucesso. Preciso mesmo saber se você pode me ajudar.

— O que você tem são doenças da alma: tristeza, frustração, revolta, falta de sentido, medo. E elas já passaram para o lado físico, há muito tempo. Posso tratar de você, disse ele, mas não será fácil para você, nem rápido, nem de graça.

Ele não tinha meias palavras. Ao menos é honesto, pensei comigo. Porém, achei um tanto grosseiro falar em dinheiro desse modo, pois, evidentemente, eu pretendia pagar por seus serviços e pelas ervas e raízes que viesse a utilizar. Perguntei então:

— Pois bem, então me diga quanto tempo vai demorar e quanto vai custar.

— Você deverá ficar aqui por um período de sete dias. Será meu hóspede durante esse período; irá aonde eu determinar, e deverá fazer o que eu disser durante esse tempo. Quando terminar o primeiro período de sete dias, acertaremos. Não se preocupe,

será algo que você pode pagar.

Achei razoáveis as condições do tratamento. Eu não tinha pressa, e embora eu preferisse prefixar o valor do tratamento, senti que não haveria problemas nesse particular. Além disso, nesses sete dias eu poderia sair do hotel e também poupar outras despesas.

— Então, poderão ser necessários outros períodos?

— Talvez sim, talvez não, respondeu — veremos.

— E quando começamos?

— Amanhã mesmo, disse ele. Chegue aqui às quatro horas. Traga uma bolsa grande para usar a tiracolo, algumas roupas, uma manta e uma esteira. Traga também um cantil e um farolete. É bom comprar um chapéu, também.

Voltamos para a casa dele lentamente. Começou a ventar, agitando a vegetação escassa, e o som do vento se espalhava pela vasta campina. A oeste, o sol desmaiava atrás de uma cadeia de montanhas.

Peguei o carro e voltei para o hotel. A noite me surpreendeu já na estrada. Eu me sentia tranqüilo, e pensava que, apesar de sua rispidez aparente, José Antônio tinha um olhar bom, e demonstrava ter um grande conhecimento da alma humana.

Apesar da noite escura, cheguei ao hotel em menos de duas horas, e, depois de um bom banho, fui ao restaurante comer alguma coisa. Estava cansado e com fome, fiz um lanche e fui dormir.

Dessa vez adormeci logo, mas acordei na madrugada e fiquei pensando em tudo aquilo. Tive muitas dúvidas, não sabia se estava fazendo a coisa certa ou não. Será que aquele velho sabia mesmo do que estava falando? Não seria melhor ir para Recife e encontrar meus amigos?

Depois dormi novamente, e acabei acordando tarde. Era uma terça-feira. Perambulei pela cidade atrás do material que ele ordenara, e comprei também um caderno, pois pretendia fazer anotações. Depois tornei a calibrar os pneus do carro, como na véspera.

Almocei no hotel e depois descansei um pouco. Dormi cerca

de uma hora, depois levantei e me aprontei para o primeiro dia daquele estranho “tratamento”, fazendo as malas e colocando algumas roupas leves na bolsa a tiracolo, junto com as outras coisas.

Acertei a conta do hotel e peguei a estrada . Por volta das quatro horas, já estava chegando à casa de José Antônio. Parei o carro sob uma árvore não muito alta, mas com uma boa sombra. Minhas malas ficaram lá dentro, mas peguei meu chapéu e a bolsa a tiracolo com a manta, esteira, cantil e outros pertences pessoais.

Novamente, ele estava sentado na cadeira de balanço do alpendre. Fez-me sinal para entrar e sentar numa velha poltrona a seu lado. Perguntou-me se fiz boa viagem, e falamos um pouco sobre generalidades. Disse-lhe que queria encher meu cantil de água, e ele pediu para Adélia, uma mulher negra, de meia idade, que trabalhava para ele há muitos anos, que o fizesse para mim.

Pouco depois Adélia me devolveu o cantil, e guardei-o na bolsa. Ela trouxe também um copo de uma espécie de chá bem escuro, ainda bem quente, com folhas e raízes no fundo.

— Isso é um composto medicinal, feito de ervas desta região. Beba, vai lhe fazer bem, disse ele.

Bebi o chá devagar. Era muito amargo, mas não chegou a me incomodar. Perguntei

— Você acha mesmo que isso vai me curar?

— Vai apenas ajudar, respondeu — a verdadeira cura virá quando você descobrir.

— Mas descobrir o quê?

— Seu espírito, que mais poderia ser? Agora vamos, precisamos caminhar bastante.

Pus meu chapéu e a bolsa a tiracolo. Dessa vez, pegamos a direção das montanhas do oeste. Andamos quase duas horas sem uma palavra. O sol declinava.

— Temos que estar no alto daquele monte antes do crepúsculo, disse José Antônio, apontando para um ponto elevado a uns duzentos metros.

Subimos o morro e descansamos um pouco ao chegar no alto, pois o esforço havia sido grande. Tomamos um pouco de água do cantil. O sol, já muito baixo, parecia incendiar as nuvens imóveis, dando-lhes todos os tons de vermelho. Havia uma brisa leve e um grande silêncio, só quebrado pelo pio de algumas aves.

Contemplamos todos os instantes do crepúsculo. Depois, ele se sentou no chão, encostado numa pedra, e ficou olhando para cima. Fiz o mesmo, olhando para o céu que, lentamente, ia escurecendo e mostrando as estrelas. Não sei quanto tempo ficamos ali, mas de repente comecei a sentir frio. Ele se levantou.

— Agora, vamos descer a encosta. Tenho um amigo que mora para aqueles lados, disse, apontando com a mão para algum lugar na escuridão.

Pus a mão na minha bolsa e tirei a lanterna. Sua luz clara permitiu-me descer o morro sem cair, o que poderia ser um acidente grave.



## Capítulo 4

### O estado de auto-observação



## Capítulo 4 – O estado de auto-observação

Após caminhar cerca de uma hora, avistei umas casas iluminadas por lampiões. Era um vilarejo muito pobre, e as pessoas já haviam se recolhido. Olhei meu relógio e vi, surpreso, que já eram nove horas da noite.

José Antônio dirigiu-se a uma das casas e abriu o pequeno portão pendurado na cerca de taquara, que a protegia. Bateu à porta, e em poucos instantes a porta se abriu e surgiu um homem com um lampião aceso. Seu rosto era muito enrugado, mas seu cabelo tinha poucos fios brancos. Tinha altura média e pele muito morena.

— Esse é Jorinã, o curandeiro índio que me fornece raízes e ervas curativas, disse, apresentando-me o homem. Virou-se para mim e disse: — e esse é o José Carlos, de quem lhe falei.

Cumprimentei-o e entrei na casa. Embora simples e com móveis muito rústicos, era maior do que parecia. Devia ter pelo menos dois quartos, e a sala era grande. A cozinha ficava no fundo e logo depois havia uma varanda, que dava para o quintal, onde havia um poço. O banheiro ficava no pequeno corredor que ligava a sala à cozinha. A casa não dispunha de energia elétrica nem água encanada, e toda a água utilizada provinha do poço, puxada através de um sarilho. Havia vários baldes cheios de água para consumo. Jorinã levou-nos até a cozinha, onde esquentava uma sopa. Ficou claro que ele estava nos esperando.

Eu estava com muita fome e tomei dois pratos de sopa. José Antônio também se alimentou, mas Jorinã apenas fez companhia, falando sobre o clima daquele ano, que tinha trazido alguma chuva para o sertão, melhorando as condições da criação e da lavoura dos sitiantes vizinhos. Tinha uma conversa fluida e agradável.

Após o jantar, sentamo-nos na varanda em cadeiras duras de madeira, sem qualquer estofamento. Jorinã pendurou um lampião na parede e ficamos olhando o negrume do quintal, onde havia algumas goiabeiras e outras árvores.

O silêncio e a escuridão me causavam um efeito estranho, uma espécie de apreensão, mal-estar. Os dois não diziam palavra, e, depois de um longo período de silêncio, José Antônio se levantou:

— Agora, você vai passar a noite nessa varanda. Durante duas horas, fará uma prática que vou lhe descrever, e depois poderá dormir.

— E o que vou ficar fazendo?

— Nada, respondeu. Ou melhor, vai trabalhar muito; vai ficar em estado de auto-observação, prestando atenção em tudo o que lhe vier à mente, sem emitir juízo algum a respeito.

Contestei prontamente:

— Não creio que isso seja possível, José Antônio, pois acho que estou sempre avaliando tudo.

— É possível, sim. Basta não acreditar no que seu pensamento disser.

Ele me pegara de surpresa novamente, e só pude dizer:

— Não entendi, José Antônio – o que você quer dizer com *não acreditar*?

— É simples: tome conhecimento de tudo o que você pensar, mas não agarre nem expulse nenhum pensamento. Acreditar nos pensamentos e juízos automáticos da mente é o que nos faz sentir as coisas como dores e mal-estar no corpo. Não deve deixar que seus pensamentos sejam ordens.

— Você quer dizer que devo desobedecer meus pensamentos?

— Não é bem isso. É só não se incomodar com eles. Se você ficar neutro com respeito a eles, descobrirá outra maneira de agir.

— Mas você há de convir que essa varanda é muito desguarnecida; está muito escuro e eu não sei o que pode se esconder nesse quintal grande, talvez algum inseto ou animal perigoso.

— Ótimo, assim você ficará mais atento, respondeu, rindo, e acrescentou: Agora, vou dormir. Lembre-se, fique acordado o mais

que puder, pelo menos duas horas. Depois, ajeite-se num canto, cubra-se com a manta e durma um pouco. Viremos acordá-lo, antes do alvorecer.

Jorinã ainda virou-se para mim e disse:

— Não se preocupe, José Carlos, mandei dedetizar o quintal quando soube que você vinha.

Eles riram à vontade, e até eu achei engraçado. Para eles, eu estava fazendo o papel do sujeito que vem da cidade grande para o sertão, e então fica com medo até da própria sombra.

Em seguida, ambos entraram na casa. Fiquei sozinho na varanda, sentado na cadeira dura e incômoda, sob a luz bruxoleante do lampião de querosene.

Fique pensando: “Não acredito, eles vão dormir lá dentro e eu fico aqui, nesse desconforto. Para quê tudo isso? Onde ele quer chegar? Isso não é justo, afinal, eu também estou cansado!”.

Fiquei muito agastado com tudo isso e senti saudades de casa, onde, pelo menos, ninguém ficava me dando ordens absurdas. Não devia ter concordado em seguir suas determinações; na verdade, para mim seria suficiente que ele me prescrevesse ervas e chás, fazendo um acompanhamento durante um pequeno período. Comecei a me sentir desconfortável, agoniado, revoltado. Não queria estar ali.

Fiquei algum tempo ruminando esses pensamentos e, de repente, percebi que *estava acreditando nos meus pensamentos, criticando situações e pessoas*, e também condenando a mim mesmo por estar ali; cheguei a pensar em ir embora no dia seguinte — e meu corpo realmente estava registrando progressivas sensações de mal-estar, como ele dissera!

Notei também que alguns pensamentos eram agradáveis e eu os mantinha em foco, e outros eram desagradáveis e eu tentava expulsá-los — novamente, fazendo exatamente o que José Antônio dissera para não fazer.

Isso me chocou. Fiquei pensando que talvez esse movimento automático fosse uma característica necessária, ou até fundamental da mente, e passei a considerar se seria possível, ou mesmo

desejável, mudar qualquer coisa aí. Mas não cheguei a conclusão alguma, estava muito cansado e, pouco depois, acabei adormecendo, na cadeira mesmo.

Logo em seguida, porém, acordei com frio, me enrolei na manta e me aconcheguei num canto, com o lampião bem ao lado, e dormi novamente. Não conseguira ficar sequer uma hora em “estado de auto-observação”.

Acordei com a voz de José Antônio dizendo, bem humorado:

— Pelo visto, teve uma noite bem produtiva!

Só então notei que estava num canto da varanda, esticado sobre a esteira, com a bolsa servindo de travesseiro e meu chapéu protegendo o rosto. Não me lembrava em absoluto de haver estendido a esteira.

Levantei devagar. A madrugada escura ainda não dava sinal de clarear. Jorinã estava com ele e trazia um copo de chá de folhas medicinais.

— Beba isto em jejum, depois venha tomar café, disse ele.

— E depois vamos sair, para assistir o nascer do sol não muito perto daqui, completou José Antônio.

Fiz como ele dissera, e logo depois saímos ainda na escuridão. Jorinã não veio. Dirigimo-nos a bom passo rumo noroeste, até um morro alto e pedregoso. Chegamos no topo bem a tempo de ver o negrume da madrugada abrir espaço para os primeiros clarões do dia, e depois as cores avermelhadas do sol nascente começando a surgir.

Os pássaros despertaram com a aurora e cantavam sem parar. Muitos deles eram estranhos para mim. Daquela altura avistávamos toda a planície, onde havia muitos mandacarus; era um espetáculo bonito, e uma brisa muito fresca e cheirosa acariciava meu corpo. Eu nunca havia presenciado um amanhecer no sertão; dava uma sensação de liberdade, de amplidão.

Ficamos em silêncio até que José Antônio perguntou:

— Então, como foi sua prática do estado de auto-observação?

— Sinceramente, José Antônio, respondi — não sei se isso é

realmente possível, nos termos que você colocou. Além disso, eu estava muito cansado e não consegui me concentrar durante muito tempo.

— Mas não há necessidade de concentração; trata-se de uma prática cujo objetivo é simplesmente perceber a si mesmo.

— Que quer dizer com “si mesmo”?

— Depende. Para você, é apenas um aglomerado de várias camadas, que lhe serão reveladas pela prática que lhe ensinei. Na superfície está a parte verbal, que conversa consigo mesma incessantemente, absorvendo grande energia. Isso é a parte visível do seu “eu”, sempre argumentando, concordando ou discordando. Abaixo dessa camada, há as camadas emocionais mais rasas e também as mais profundas, escondendo muita revolta, ódio, culpa e tristeza; é daí que surgem as doenças.

Ao ouvi-lo falar essas coisas, lembrei-me de que, certa vez, freqüentara um curso de auto-ajuda durante alguns meses, focado no desenvolvimento de um sentimento geral de positividade e na rejeição dos pensamentos de derrotismo, mágoa e inferioridade, mas, infelizmente, sem benefício algum para mim. Comentei com ele sobre isso, e sobre minha incapacidade de controlar meus pensamentos.

— Os pensamentos não necessitam de um pensador que os pense, respondeu, — eles vêm por si mesmos a partir dos fatos da memória, conscientes ou inconscientes.

— Como assim? Sempre me senti responsável por meus pensamentos, censurando-me por meus pensamentos egoístas ou negativos.

— Entretanto, você mesmo disse que não consegue controlá-los; o máximo que conseguiria é enterrá-los vivos, o que é uma coisa sinistra e de graves conseqüências. É melhor fazer como lhe disse antes: tome conhecimento de seus pensamentos e emoções, mas não segure nem expulse coisa alguma. E isso é uma prática a ser observada constantemente, dia e noite.

— Mas, pelo que vi, apego e rejeição são um processo automático, respondi.

— Não. O *processo de avaliação* é que é automático, pois experimentamos constantemente a dor e o prazer em nosso corpo. Já o apego e a rejeição são coisas cultivadas pelo hábito, e se manifestam como a tendência de manter pensamentos agradáveis em foco, e de expulsar pensamentos desagradáveis. É isso que cria o automatismo que você falou, dando continuidade às sensações, o que gera efeitos nocivos no corpo. Portanto, não se preocupe com seus julgamentos, nem entre no mérito se eles estão certos ou errados.

Levantou-se e disse:

— Agora, vamos para casa. Você está horrível, disse, sorrindo e me ajudando a levantar.

Sentia meu corpo todo dolorido. Minha bolsa a tiracolo me incomodava. Caminhamos um bom tempo e então chegamos à casa dele, pouco depois das oito horas. Eu estava exausto. Ao ver meu carro sob a árvore, cheguei a pensar em largar tudo e ir embora dali, e não sei porque não o fiz. Talvez pelo cansaço, ou talvez por curiosidade, o fato é que resolvi ficar mais um pouco.

Entrando na casa, vi que Adélia havia preparado um quarto para mim, com lençóis brancos numa cama de solteiro. Felizmente, havia água encanada, bombeada por um motor no interior do poço até a caixa d'água. Vi que ela havia preparado o banheiro para mim, com sabonete e toalhas. Tomei um banho, pus uma bermuda e uma camiseta e fui para meu quarto. Atirei-me à cama e dormi instantaneamente.

## Capítulo 5

### A dança dos opostos



## Capítulo 5 – A dança dos opostos

— Ei, acorde, turista, temos muito a fazer por aí!

Era José Antônio me despertando. Olhei meu relógio e vi que já eram quase duas horas da tarde.

— Não sei o que há comigo, José Antônio. Nunca durmo até esse horário, disse eu, levantando-me.

— Vamos almoçar, disse ele, depois conversaremos.

Adélia tinha preparado uma refeição muito saborosa. Almoçamos em silêncio, e depois fomos para a varanda.

Ficamos sentados, contemplando em silêncio a campina imensa e deserta. Fazia-me bem olhar aquela paisagem de horizonte amplo e aberto. Por volta das quatro da tarde, Adélia, trouxe-me novamente um copo de chá bem quente e escuro, como fizera no dia anterior.

— Agora, vamos até Vapabuçu, tenho que entregar umas raízes, disse José Antônio.

Notei que ele estava usando um terno bege claro, e me ofereci para levá-lo.

— Quer ir no meu carro? Está à disposição.

— Não! Vamos de charrete, com a Mimosa, disse José Antônio, apontando para a égua — isso vai acalmar seu espírito.

Em seguida, atrelou o animal à charrete, onde havia uma grande quantidade de folhas, frutos, cascas e raízes medicinais, embrulhadas em grandes sacos plásticos, e saímos.

Pegamos a rua de terra e cascalho até a estrada de Vapabuçu. Ele guiava lentamente a charrete, e às vezes conversava com Mimosa, que parecia entendê-lo. O movimento da estrada era pequeno, e de vez em quando cruzávamos com automóveis ou outros charreteiros, que nos cumprimentavam educadamente.

Ele parecia muito feliz, e ia cantando baixinho:

*Oh! Que estrada mais comprida, oh que légua mais tirana!*

*Ah, se eu tivesse asas, inda hoje eu via Ana.*

*Trago um terço pra Das Dores, pra Raimundo um violão,*

*E prá ela, e prá ela, trago eu, e o coração.\**

O som daquela melodia saudosa, na estrada reta e comprida, evocou em mim um sentimento de intensa tristeza e solidão; eu me sentia perdido no meio do nada, num lugar que não era o meu, com uma pessoa que mal conhecia.

Comuniquei a ele meus sentimentos.

Ele fez silêncio um momento e respondeu:

— Essa melodia trouxe-lhe à tona o sentimento de nostalgia de todo ser humano; perda ou separação de alguém querido, incompletude, esperança de reencontro. Você está infeliz porque é incompleto, e deseja ser completo por meio de algo que está fora de você.

— Mas, como pode um homem ser completo sem procurar preenchimento?

— Um homem só é completo quando sua incompletude parou de incomodá-lo, respondeu — então, ele não sofre mais.

— Mas que absurdo, José Antônio, isso não é possível, contestei imediatamente.

— Não é absurdo algum. Veja o meu caso. Tenho setenta e nove anos, sou viúvo e perdi o contato com meus três filhos, que foram para São Paulo há mais de trinta anos. Estou indo para uma cidadezinha levar ervas, cascas, flores e raízes medicinais para vender na loja do meu afilhado, Laurindo. Vivo disso, e dos meus atendimentos.

Parou um pouco, e olhou para a extensa planície deserta que terminava ao pé das montanhas, e continuou:

---

\* Trecho da música “Légua Tirana”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

— Olho essa longa estrada no meio do agreste, como você, e vejo os mandacarus perdidos na caatinga. Conheço as flores que nascem ali, e os animais que vivem por ali. Às vezes se passam muitos meses sem uma gota d'água, e parece que tudo morreu; depois chove um pouco e tudo renasce. Porque seu coração está conturbado, você olha e só vê o vazio e desolação; eu olho e sinto a presença do Espírito, que se manifesta como morte e vida, destruição e renovação. Por isso, posso cantar aquela canção, que fala da distância, separação e dor, mas não sinto tristeza alguma. As coisas dos homens não me fazem sofrer mais. Se tivesse que morrer agora, morreria feliz e abençoaria a vida.

Fiquei impressionado com essas palavras.

De fato, ele era só, não tinha rendimentos fixos, morava num lugar perdido no sertão e, no entanto, parecia não saber o que é desânimo ou tristeza. Comparada com a dele, minha vida era muito mais segura, rica e variada. Tinha os rendimentos da aposentadoria, plano de saúde, acesso a bons médicos e hospitais, tinha carro, computador, acesso à Internet, e morava numa cidade grande, com muitas distrações. Então, o que é que estava errado? porque minha existência era tão desgraçada?

Alheia a tudo, Mimoso trotava mansamente.

Depois de uma hora, chegamos a Vapabuçu. José Antônio parou a charrete numa ruazinha perto da praça central, em frente a uma pequena loja de especiarias, ervas e raízes medicinais. Um rapaz saiu e veio cumprimentá-lo, chamando-o de *Padrinho Zé Antônio*. Vi logo que era Laurindo, afilhado dele, que cuidava da loja, junto com sua esposa. Viviam numa casa simples, mas confortável, que ficava nos fundos.

Laurindo apressou-se a transportar as mercadorias para a loja. Prontifiquei-me a ajudá-lo; tirava os sacos plásticos da charrete e entregava no balcão, e ele ia dizendo o nome de cada espécie, com muita desenvoltura: porangaba, mentruz, sete-sangrias, garra do diabo, unha de gato, chapéu de couro e muitas outras, guardando-as nos lugares apropriados.

— Isto é apenas provisório, disse-me ele. Mais tarde, depois de fechar a loja, Aninha e eu vamos separar em saquinhos menores, para vender a varejo, e fazer tinturas a partir de algumas ervas, e

colocar em vidros. Precisamos fazer as etiquetas, também. Para isso, temos um computador meio velho, mas que funciona bem. E vamos ainda fazer garrafadas, que têm muita saída, e isso é o mais demorado.

— Que são garrafadas, Laurindo?

— São uma infusão de raízes, cascas, folhas e frutos macerados em aguardente. Depois colocamos um pouquinho de mel na mistura, e deixamos curtir por dois meses. Só então as vendemos.

Terminando de armazenar as mercadorias, ele conduziu a charrete por um terreno ao lado da loja, desatrelou Mimosa e amarrou-a a uma árvore, servindo-lhe ração e água. Fui com ele. Eu tinha notado que a loja era bem sortida e tinha um bom estoque, e perguntei-lhe se o movimento da cidadezinha era suficiente para manter a loja e o casal.

— Não, respondeu, mas nossas mercadorias são de boa qualidade, e vem gente de longe comprar aqui.

Fui ter com José Antônio, que me disse:

— Agora, vamos dar uma volta na cidade.

A tarde esmaecia, mas o calor ainda era intenso. Fomos até a praça central e passamos num bar para comprar umas garrafas de água. Notei que, no trajeto, muitos cumprimentavam José Antônio, tirando o chapéu. Depois sentamos num banco e ficamos bebendo água e conversando.

— Não consigo entendê-lo, José Antônio. Mesmo vivendo sem conforto nem abundância, parece que o dia de amanhã não plantou a ansiedade no seu espírito, e nem a solidão o atormenta no meio da caatinga deserta. Sempre ouvi falar na sabedoria trazida pela idade. Será que um dia serei assim?

— A velhice não traz sabedoria, necessariamente. Traz experiência, traz conhecimentos de todo tipo. Mas isso não é sabedoria, é só acúmulo de coisas na cabeça.

— Mas podemos aprender com nossos erros, respondi. Nesse caso, não estamos nos aperfeiçoando? Não estamos nos tornando melhores e mais sábios?

— A base emocional do homem é muito poderosa, disse — e, sobre essa base, está o lado verbal cobiçando os objetos de desejo, mas também ecoando o resultado de experiências passadas, boas ou dolorosas. Ele chama de erro tudo aquilo que lhe trouxe sofrimento. Ao decidir suas ações com base no passado, ele está sendo aconselhado pela lembrança de um insucesso anterior, ou seja, pelo medo. Não vejo nenhuma sabedoria nisso; é apenas uma forma de condicionamento.

— Então, o que é sabedoria, na sua opinião?

— Sabedoria é um estado não-verbal, e por isso não se pode dizer o que é exatamente. O mesmo ocorre com a felicidade. Entretanto, podemos saber porque não somos sábios nem felizes.

Achei interessante o argumento dele. Realmente, as lembranças de momentos felizes que eu tinha, como quando estive apaixonado, eram feitas de uma intensidade de todo o meu ser, que dispensava o uso de palavras. Expus a ele esse raciocínio, mas, para minha surpresa, ele não concordou inteiramente.

— Talvez seja assim no início, respondeu. Mas quando o amor se transforma em dependência psicológica, vem a preocupação e o medo da perda, pois sabemos que o tempo, que nos traz as coisas, também as modifica e depois leva embora.

— Talvez você tenha razão, respondi, mas não há outro modo de viver a vida.

— Há, sim. Mas exige, primeiro de tudo, que o homem perceba que seu mundo interior é como uma caverna escura. Por exemplo, ele julga saber o que é o amor. Esse é seu grande erro: ele não sabe! Pior ainda: *ele nem desconfia que não sabe e pensa que sabe*, o que tende a mantê-lo indefinidamente nas trevas da ignorância. Tudo o que ele pode saber tem apenas um sentido relativo.

— Que você quer dizer com “sentido relativo”?

— Que, no plano relativo, coisas como amor, liberdade ou felicidade são conceitos que se relacionam com estados opostos. O sujeito *não ama*, ele *ama alguém*, o que é muito diferente. Para ele, amor é o que sente por sua mulher e sua prole — e não por seus inimigos, como recomendou Jesus, por exemplo. O que nós

chamamos de amor é o oposto do ódio, e sempre encerra algum sentido de prazer, autogratificação ou recompensa; o que Jesus chama de amor, porém, é outra coisa, *completamente diferente*.

Eu nunca tinha pensado nisso, mas talvez ele tivesse razão. Permaneceu em silêncio um pouco, e depois prosseguiu:

— Assim também, liberdade é ter o direito de ir e vir, ou seja, o contrário de estar preso — mas quantos estão “livres” e presos em seus conflitos e tormentos? Felicidade é obter os objetos de desejo; mas quantas preocupações e ansiedade estes trazem consigo? À sombra de cada conceito humano está sempre o seu oposto, ou seja, aquilo que é a negação do conceito, ou que não está incluído nele.

— Se todos os conceitos são relativos, então, o que é o Absoluto?

— Absoluto é o Espírito, respondeu — que não se pode ver nem ouvir, nem ser descrito por palavras, nem representado por imagens. Portanto, não é algo que possa se transformar num conceito. Quando isso ocorre, caímos de novo no campo relativo: deus e o diabo, anjos e demônios, bem e mal, amor e ódio, méritos e culpas. E esses conceitos ficam lutando no interior do homem, que não pode conceber a transcendência rumo a um plano superior, senão pela eliminação de um desses opostos. Isso, porém, é impossível, pois cada um dos elementos de um par de opostos deve sua existência ao outro elemento.

Isso me revoltou, e contestei prontamente.

— Que você está dizendo, José Antônio? Quer por acaso dizer, por exemplo, que a felicidade deve sua existência ao sofrimento e o sofrimento deve sua existência à felicidade?

— Se todos fossem felizes, não haveria felicidade, pois faltaria o contraponto e não haveria como diferenciar. Uma pessoa saciada não toma conhecimento de um belo prato de comida; mas, para o faminto, esse prato de comida é a felicidade. Isso acontece graças ao contraste entre as duas situações que este último vivencia; a intensa fome prepara o bem-estar que ele sente ao se alimentar, o que não ocorre com a pessoa que já estava saciada.

O argumento que ele usou fazia sentido. Uma vez

completamente saciado, ninguém tem prazer na comida; é como se a fome preparasse o futuro sabor da refeição.

Mas ele prosseguiu:

— Cada elemento de um par de opostos, como fome e saciedade, está presente no outro elemento; ou de fato, ou pelo menos como idéia, como possibilidade.

— Como assim?

— Quando alguém consegue o objeto de seus desejos após grande dificuldade, ele fica muito feliz, mas ao mesmo tempo fica com medo de perdê-lo, e procura cercar-se de garantias, seguro, vigilância. Então essa felicidade contém o germe da infelicidade, pois sabemos que, com o passar do tempo, todas as coisas se transformam, se esvaem, terminam, desaparecem, viram pó.

Ele tinha razão. Houve inúmeras ocasiões em que eu quis prolongar um período de felicidade, mas, para minha frustração, tudo sempre havia terminado. Porém, para explorar mais o assunto, argumentei:

— Está certo; a possibilidade de perda gera o medo, o que contamina o sentimento de felicidade. Mas você disse também que os dois elementos de um par de opostos podem estar presentes ao mesmo tempo; porém, não vejo como isso é possível.

— Mas isso é o mais comum. Você nunca se apaixonou por uma mulher sem combinar com ela? Nesse caso, o prazer e a dor estão de mãos dadas. O mesmo ocorre quando você come um doce maravilhoso, mas que lhe faz mal. Ou quando tem um ótimo salário, mas o emprego é estressante e amarga sua vida, e assim por diante.

Estava claro. Eu mesmo passara, mais de uma vez, por todas essas situações conflitantes. Lembrei-me de uma poesia chamada “Bem e Mal”,\* que expressava a dança dos opostos:

Não queira mal ao mal,  
porque no mal há bem;  
nem muito bem ao bem,

---

\* do livro *Betelgeuse*, de Luiz Roque

que todo bem tem mal.

Que o mal é apenas mal,  
que o bem é sempre bem,  
é crença que faz mal  
a quem quer julgar bem.

Procure entender bem  
que o mal também tem bem;  
E não compreenda mal  
que o bem também tem mal.

Se um tal tipo de mal  
lograrmos contra o mal  
teremos feito (e bem)  
um grande bem ao Bem.

Citei de memória algumas partes do poema, e José Antônio disse:

— Perfeito. O poeta percebeu a interdependência entre os pares de opostos; nesse momento, ele transcende sua condição limitada e vislumbra outra maneira de ver as coisas. Nossas opiniões, crenças e valores existem aos pares. Quando afirmamos uma opinião qualquer, a negação dela, que *não foi* declarada, pode ficar oculta, mas existe na sombra, como possibilidade, e faz o contraponto ou contraste para dar sentido à primeira.

— Não compreendo, José Antônio.

— Digamos que alguém declare não crer na vida após a morte. Esse é o lado afirmado, a parte que está “na luz”, na consciência. A contrapartida, ou oposto, é o “crer na vida após a morte”, ou seja, a dúvida, que deverá ficar na sombra, na inconsciência, devidamente sufocada, porque incomoda. Portanto, nossa consciência verbal é constituída de pares de opostos, geralmente com um dos elementos na luz e outro na sombra, sobretudo em coisas de significado existencial. Qualquer coisa que se possa imaginar só faz sentido se pudermos pensar na sua negação. Ou seja, o pensamento não está preparado para representar o Absoluto.

Achei que entendera o que ele dizia. Qualquer representação mental envolve atributos, e eles realmente existem aos pares. Querer aplicar conceitos humanos ao transcendente é projetar o Divino a partir do humano.

Levantou-se e disse:

— Agora, vamos voltar para casa de Laurindo. Vamos jantar com ele e dormir lá.

Só então notei que já eram quase nove horas. Tínhamos conversado mais de duas horas sem que eu visse o tempo passar.

Voltamos bem a tempo de jantar com Laurindo e Aninha. José Antônio perguntou sobre o serviço de pesagem e embalagem das raízes e ervas medicinais, para venda no varejo.

— Ainda falta muito, Padrinho, respondeu — trabalhamos até agorinha, e depois de jantar vamos trabalhar mais um pouco para adiantar o serviço.

Ao final do jantar, fomos todos para a loja. José Antônio separava e pesava as porções, entregando-as para Aninha acondicionar em embalagens de papel e guardar nas prateleiras. Laurindo fazia as garrafadas, picando as raízes, lavando e colocando-as nas garrafas vazias e previamente limpas, para depois adicionar aguardente e um pouco de mel.

Fiquei fazendo as etiquetas no computador, contendo o nome da erva, peso, indicações, modo de usar. Fiz muitas perguntas sobre as plantas, respondidas por Laurindo ou José Antônio. Assim, pude ter uma pequena visão da incrível riqueza da flora medicinal brasileira.

Perto da meia noite, Laurindo resolveu parar, dizendo:

— Já é tarde, é melhor irmos dormir. Continuaremos amanhã, pois não conseguiremos terminar hoje, mesmo.

Fomos todos dormir. Havia um quarto de hóspedes que eles chamavam de “quarto do Padrinho”. A cama de José Antônio estava sempre preparada. Havia mais uma cama no quarto, que Aninha arrumou com lençóis limpos. Eu estava exausto e com o corpo todo dolorido, e não tardei a dormir. Era minha segunda noite no sertão.



## Capítulo 6

### Relativo e Absoluto



## Capítulo 6 – Relativo e Absoluto

Acordamos com Laurindo batendo na porta:

— Acorde, Padrinho, o café está quase pronto!

José Antônio queria sair cedo, e pedira para que o acordassem às seis horas. Levantamos e logo estávamos à mesa que Aninha preparara, com queijo de coalho, tapioca, mandioca cozida, café, leite e manteiga, além de vários tipos de frutas.

Laurindo me serviu o mesmo chá que eu tomara em jejum, no dia anterior.

José Antônio entrou na cozinha e disse, cumprimentando Aninha:

— Minha afilhada, que mesa mais bonita!

Fizemos uma refeição excelente, enquanto ele ia discorrendo sobre a enorme gama de aplicações das raízes, cascas, flores e ervas medicinais: chás, tinturas, cataplasmas, inalação, gargarejo, etc.

Depois levantou-se, agradeceu pela refeição e pediu a Laurindo para cuidar de Mimosa, servindo-lhe água e comida. Em seguida, foi até a loja e voltou com uma maleta contendo álcool, algodão e várias espécies de folhas, raízes, tinturas e preparados diversos.

—Tenho que visitar Seu Leonardo, da Fazenda Contador, e fazer alguns atendimentos, caso seja necessário.

Eram quase oito horas quando saímos. Pedi para conduzir a charrete, mas ele não consentiu, alegando que precisaríamos ir um pouco mais rápido e que Mimosa poderia estranhar meu jeito. Viajamos cerca de três horas, até chegar a uma fazenda grande, com currais e vaqueiros. A sede era uma casa enorme.

Um empregado nos levou até o dono da fazenda, que, aparentemente, já sabia da visita. Eles se cumprimentaram com velhos amigos, e José Antônio me apresentou como amigo e hóspede. Em seguida, conversamos sobre atendimentos para alguns

filhos do fazendeiro, sua mulher, e vários empregados.

Seu Leonardo tinha treze filhos. Pediu a um deles, um garoto de olhos vivos, moreno e bonito, chamado Zuca, para cuidar de Mimosa. Com a maior desenvoltura, o menino desatrelou a égua da charrete e foi alimentá-la. Gostei daquele menino, e segui-o até a estrebaria. Perguntei-lhe:

— Então, Zuca, o que você quer fazer quando crescer?

— Quero ir para São Paulo!, respondeu imediatamente, com os olhos brilhantes.

Procurei no bolso uma moeda de prata de dois mil réis, dos primeiros tempos da República, que meu pai me dera quando eu tinha mais ou menos a idade de Zuca. Num dos lados da moeda estava gravado: “Ordem e Progresso – 2000 Réis - XX Grammas”, e, no outro, “República dos Estados Unidos do Brasil – 1912”. Eu andava sempre com ela, como uma espécie de proteção.

Peguei a moeda e lhe dei de presente, dizendo-lhe:

— Muito bem, Zuca, eu moro em São Paulo. Fique com essa moeda para se lembrar de mim, e quando for lá, me procure!

José Antônio passou a tarde toda consultando. Enquanto isso, Seu Leonardo me ofereceu um cavalo, para passear na fazenda, dizendo-me gentilmente:

— É um cavalo manso, pode ir sossegado. O nome dele é Pintado.

Por sorte, eu tinha tido alguma experiência de andar a cavalo na juventude, de modo que aceitei sem reservas. Montei no animal e fui me afastando lentamente da sede, dos currais e das casas dos camaradas. Subi para um terreno elevado e tive uma visão panorâmica da região. A fazenda era muito grande, e produzia leite e queijo de coalho. Em pouco tempo eu estava só, com Pintado caminhando a passo lento, naquela imensidão.

Fiquei pensando nas coisas que José Antônio dissera na noite anterior. Ele falara de uma realidade superior, inacessível aos pensamentos, como sendo o Absoluto, e do plano das coisas relativas como sendo a morada da mente humana. Entretanto, os dois níveis pareciam não se comunicar. Por quê?

Acho que sempre tive interesse por esses assuntos. Na juventude, eu tivera uma formação religiosa bastante intensa, numa pequena igreja evangélica da periferia de São Paulo. Lembrei-me de uma passagem que havia lido na Bíblia, o Salmo 91 – versículo 1:

*“Aquele que habita o esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará”.*

Na época, ficara muito revoltado com isso, imaginando por que motivo Deus haveria de se esconder do homem. Depois me explicaram que é o homem que se esconde de Deus, porque se apegava aos falsos ídolos, ao pecado.

Mesmo assim, aquele verso ficou obscuro durante muito tempo. As palavras de José Antônio, entretanto, pareciam abrir um novo significado para o mistério dessa separação. Mas eu não conseguia entender, achava que estava faltando algo, e não sabia o que era.

De repente, entendi o que ele dissera, de uma vez só e completamente. Foi uma compreensão instantânea, que me deixou muito excitado.

O homem vive no plano das coisas relativas, dos pares de opostos morais ou afetivos onde um dos elementos é aceito, e o outro rejeitado; o amor deve vencer o ódio, a boa-vontade deve suplantar a raiva, a paz é o oposto da guerra, e deve prevalecer. O conjunto dos elementos escolhidos é o bem, que deve triunfar sobre o mal, que é o outro conjunto, isto é, dos elementos que ficaram na sombra, e devem ser aniquilados.

Porém, devido à interdependência dos elementos dos pares de opostos, o esforço para eliminar qualquer um deles é inteiramente vão e condenado ao fracasso, como se vê pela eterna recorrência de ódio, raiva e guerra em todos os tempos.

Mas, imerso em seus valores relativos, o homem imagina cobrir-se de méritos e tornar-se agradável a Deus ao recusar metade de sua natureza dual, e apegar-se aos valores da outra metade, que supostamente congrega os atributos divinos.

Ao agir desse modo, ele demonstra sua natureza fundada no conflito interior e esforço para supressão, o que vem a ser a própria

negação da paz e do descanso que ele espera encontrar no Absoluto.

Pela compreensão do que *não* é a habitação do Altíssimo, isto é, nossa mente dualista marcada pela contradição e luta interior, tive uma intuição fugaz do que seria esse esconderijo, vedado ao homem enquanto ele estiver apegado a seus valores relativos, inclusive à sua idéia de perfeição.

Mas, como chegar até lá? Esse, para mim, era o problema.

Fiquei muito contente com essa compreensão. Olhei o relógio, já eram quase seis horas. Voltei para a sede da fazenda, queria conversar com José Antônio e expor essa descoberta.

Já anoitecia quando voltei. Ele já havia terminado as consultas e resolvera dormir na fazenda. Seu Leonardo nos reservara quartos separados.

Mais tarde fomos para a sala de jantar, onde uma mesa grande e bem arrumada estava servida. Toda a família do fazendeiro estava presente, mais o capataz da fazenda, eu e José Antônio. Foi uma refeição muito agradável, prolongada pelos casos engraçados que Seu Leonardo ia contando, corrigido aqui e ali por sua esposa e pelo capataz.

Não faltaram também histórias de assombração, de almas do outro mundo, algumas bem impressionantes. As crianças faziam perguntas e arregalavam os olhos, pois embora houvesse eletricidade na fazenda, pelas janelas se percebia a escuridão que se espalhava pela campina e pelas elevações vizinhas, numa atmosfera bem sugestiva para os temas de mistério que se abordavam.

Mas eu aguardava, impaciente, a oportunidade de conversar com José Antônio sobre as minhas reflexões. Ele parecia muito à vontade entre os presentes, e de vez em quando contava alguns episódios de sua longa experiência como raizeiro, envolvendo picadas de cobra ou insetos venenosos.

Terminado o jantar, José Antônio, que parecia cansado, recolheu-se imediatamente. Sem outra opção, fiz o mesmo. Fiquei um pouco frustrado por não poder conversar com ele. Achei que, de certo modo, ele estava sendo desatento comigo, pois estávamos dentro do período estipulado para o meu tratamento; entretanto

ele se ocupava com coisas e pessoas que não tinham nada a ver com meu caso.

Já me habituara a conversar com José Antônio e aprendera a apreciar sua sabedoria e equilíbrio. Suas palavras sempre me surpreendiam e faziam pensar. Mas naquele dia praticamente não tinha havido oportunidade de dialogarmos. De manhã fizéramos o trajeto até a fazenda, numa estradinha poeirenta e no desconforto da charrete, que me deixava com os ossos moídos. A tarde toda ele atendera várias pessoas, que pareciam depositar grande confiança nele, como raizeiro veterano que era. E à noite ele estivera ocupado, de novo.

Sentia-me deslocado naquele ambiente, onde não conhecia ninguém. Isso me aborreceu bastante, e pensando nisso, fiquei rolando na cama e só de madrugada consegui pegar no sono.

Bateram na porta muito cedo, trazendo-me um chá de folhas e ervas para tomar em jejum, por recomendação de José Antônio, devendo depois ir tomar o café, já com minhas coisas arrumadas, pois em seguida iríamos embora.

Depois da refeição, despedimo-nos de todos e pegamos a estrada de volta para Vapabuçu.

Eu devia estar com o semblante carregado, mas José Antônio me desarmou completamente ao pedir que eu conduzisse a charrete, dizendo que ainda era cedo e não tínhamos pressa alguma.

Conduzir Mimosa ao lado dele, por aquele sertão solitário e silencioso, sentindo o sol ainda suave da manhã, teve um efeito incrível no meu corpo. Respirando o ar fresco e perfumado, meu mau humor passou totalmente, e perdi até a vontade de conversar.



## Capítulo 7

### O que é a compreensão?



## Capítulo 7 – O que é a compreensão?

A certa altura, contei a José Antônio minha descoberta da véspera, quando passeava com Pintado. Depois, contei também do mal-estar que sentira à noite, antes de dormir, na minha terceira noite no sertão, aquela que fora a pior de todas, desde que estava com ele.

Ele ouviu atentamente, sem me interromper. Depois me olhou, e disse:

— Você teve uma compreensão importante. Ainda hoje, a compreensão é um mistério para mim. É como um raio que brilha na noite escura: vem de repente, por razões que estão fora de controle, clareia tudo em torno dele, e desaparece na escuridão.

Parou um momento, olhando a caatinga áspera e ouvindo o toc-toc ritmado de Mimosa, que aceitara bem o meu comando, depois prosseguiu:

— Mas a escuridão é o estado normal da mente humana. Se alguém tem uma experiência de claridade e apegar-se a ela, perde o senso da realidade de si mesmo, que é o plano relativo de sua mente cotidiana. Quem se apegar à claridade fica com dois problemas: continua na escuridão, mas passa a considerar-se em outro plano e deixa de percebê-la. Você, por exemplo, se apegou à sua compreensão, e isso infelicitou o resto do seu dia, pois deixou de fluir com as condições.

— Mas, disse eu, de pouco vale a compreensão, se não ficar fixada na mente através das idéias; por isso, eu queria conversar a respeito.

— Ao contrário. Assim como sabedoria não é conhecimento, a compreensão também não é um conteúdo da mente. Não é coisa material; é o Ser se revelando a si mesmo. Ela o afeta em um nível muito mais profundo que o verbal. Você não precisa decorar nem repetir nada, entretanto, há uma aprendizagem real, uma descoberta em primeira mão, mesmo que seja a partir de reflexões sobre palavras ouvidas de outros.

Fiquei pensando no que ele disse. Lembrei-me dos tempos em que estudava matemática, quando o entendimento de um teorema complicado ou a descoberta de uma solução original eram “insights” repentinos, que clareavam todo o contexto, sem necessidade de escrever, embora normalmente isso fosse feito depois, para fins de comunicação. Não tive como contestar.

Ele prosseguiu:

— Tomado por seu desejo de conversar sobre sua descoberta, você mal percebeu o mundo a seu redor, e, em conseqüência, não interagiu adequadamente com ele.

— Não concordo! Claro que percebi o mundo a meu redor. Apenas, as pessoas estavam imersas em suas ocupações, nas quais não havia espaço para mim, nem interesse da minha parte sobre elas, respondi prontamente.

— Mas é isso o que estou dizendo. Querendo atingir outros níveis de compreensão, você ficou ansioso, alheio ao ambiente, e nada mais o sensibilizava. Não mostrou interesse por ninguém, e foi correspondido na mesma medida.

— Talvez, mas não pude evitar, respondi. Tudo o que me interessava é a seguinte questão: se o Absoluto é percebido pelo relativo na forma de pares de opostos, que é o modo como a mente pode formar e armazenar seus conceitos, então o que deve fazer o homem para transcender o plano relativo onde se encontra? Não será o desejo de compreensão a ponte que liga os dois níveis?

José Antônio ficou em silêncio algum tempo, e depois disse:

— Tudo o que o homem pode fazer é descobrir as causas dessa separação, e elas estão nele próprio. Essa é a importância do autoconhecimento. Por isso, cada detalhe da vida cotidiana é importante, porquanto revela-o a si mesmo. O desejo de compreensão só é válido enquanto se referir ao nível relativo, o único que pode ser compreendido.

— Mas a aspiração do homem em se unir ao Divino em busca de paz é legítima, respondi. Pelo menos, essa tem sido a meta de todas as religiões.

— Sem dúvida. Porém, ao supor que o finito, transitório e

relativo pode se comunicar com o Infinito, Eterno e Absoluto, o homem estabelece a palavra como elo de ligação. Quem irá utilizá-la? Estará ele vazio de si mesmo? Se estiver, não há ninguém a se religar. Caso esteja cheio de seus próprios conceitos e criações, como poderá o relativo atingir o Absoluto por meio da palavra?

Discordei dele. Eu achava que palavra seria o meio de ligação entre o humano e o divino; era o único recurso do homem para essa finalidade.

— Eu esperava que houvesse uma transição possível, inteligível e racional entre os dois planos. Se o que você diz for verdade, disse, não há esperança de chegar lá. Não posso aceitar isso.

Ele me olhou, mas não respondeu. Seguimos em silêncio o resto da viagem.

Em pouco tempo, chegamos a Vapabuçu, na loja de seu afilhado. Como no dia anterior, Laurindo correu prontamente quando viu a charrete, deixando Aninha a atender alguns clientes.

Passamos a tarde toda fazendo o mesmo trabalho de separação, pesagem e embalagem das ervas e raízes, iniciado na véspera. Depois de gerar as etiquetas no computador, fiquei encarregado de fazer as garrafadas, pois Laurindo estava atendendo no balcão. Jose Antônio, Aninha e eu ficamos trabalhando até o cair da noite, concluindo mais uma parte da tarefa.

A essa altura, eu tinha me familiarizado com as ervas que faziam parte do meu chá medicinal composto, e eu mesmo o estava preparando.

Enquanto Aninha preparava o jantar, José Antônio e eu fomos caminhar pelas ruas da cidade e conversar um pouco.

— Já notei que, quando eu acho que estou entendendo alguma coisa, José Antônio, você vem e deixa tudo de perna para o ar novamente, disse-lhe, aborrecido.

— O desejo de compreensão como linha mestra é válido, respondeu, mas a linguagem verbal só transita do relativo ao relativo. Foi isto o que eu disse da outra vez, e que o aborreceu.

— Mas a linguagem é a possibilidade que a Natureza nos deu, não só para comunicação, mas também para descobrir novas

coisas.

— Sei disso, respondeu. Porém, há outra linguagem mais efetiva e primordial, anterior à consciência verbal, que se baseia nos pares de opostos, na comparação e avaliação; é a linguagem do silêncio.

— Sempre achei que linguagem pressupõe o uso de palavras, respondi sem pensar, mas logo me arrependi, ao me lembrar da linguagem dos gestos, da linguagem corporal do teatro Nôjaponês, ou da linguagem musical.

— A linguagem verbal é solução e problema ao mesmo tempo. Ela comunica e permite nomear e descrever as coisas, dividir o mundo em categorias; mas sempre implica a dualidade. Por isso, não se pode saltar para o Absoluto por meio da palavra, que é a essência do plano relativo, o campo das criações do pensamento.

Dualidade. Eu já havia visto esse termo das minhas leituras dos sábios indianos, ao pesquisar por textos de sabedoria na Internet; eles atribuíam grande importância à compreensão desse tema, mas nunca me aprofundei nisso.

la perguntar sobre o assunto, mas ele pôs a mão no meu braço e disse:

— Agora vamos voltar; Aninha deve estar nos esperando.

Dessa vez, fizemos um lanche rápido, e, como no dia anterior, fomos todos para a loja continuar o trabalho interrompido na véspera. Fiquei ajudando na separação e embalagem das folhas, cascas e raízes medicinais. Era uma variedade incrível, com nomes engraçados: Agoniada, Pau Pereira, Cáscara Sagrada, Aperta Ruão, Nó de Cachorro... esses eram os nomes vulgares, porém cada uma tinha seu nome científico, em latim, que também era colocado na etiqueta.

Ao fazer esse serviço, acabei me interessando pelo assunto, graças às informações de José Antônio sobre as propriedades e indicações das plantas.

— Conhecer todos os tipos ninguém conhece, disse. Mas não é difícil conhecer algumas centenas de folhas, cascas e raízes da flora medicinal, aquilo que é mais utilizado. Difícil é a experiência

prática junto ao doente, pois a mesma erva que cura também mata, se prescrita erradamente, ou em dose inadequada.

Perguntei como ele aprendera tanto.

— Isso só se aprende trabalhando um bom tempo ao lado de quem conhece profundamente o assunto, como eu aprendi na minha juventude com um velho índio de minha terra, após abandonar o curso de medicina, em Recife.

Lembrei-me de que Júlio havia aludido de passagem a esse episódio, e que eu nunca tivera oportunidade de perguntar a José Antônio. Mas, diante dessa “deixa”, perguntei:

— Como foi isso?

— Já faz mais de cinquenta anos, respondeu. Sempre quis ser médico, e cheguei a cursar quatro anos na Faculdade de Medicina lá em Recife. Antes de me formar, porém, larguei tudo e vim para o sertão.

— Mas largou porque?

— Acho que me decepcionei. Vi muita influência de laboratórios querendo vender seus produtos, vi muito descaso nos hospitais públicos e nos tratamentos, vi o médico se tornando uma pequena peça numa vasta engrenagem, tendo que atender pacientes em tempo mínimo, sem poder dar atenção, nem se aprofundar em cada caso. Tudo isso, acho, me levou a abandonar meus estudos.

— Foi então que veio para o interior?

— Sim. Primeiro fui para a região de Sertânia, Arcoverde e Pesqueira, onde havia um velho curandeiro índio, profundo conhecedor de ervas medicinais. Manifestei meu interesse em aprender sobre o assunto, e ele me aceitou como ajudante. Fiquei muitos anos com ele, e presenciei curas maravilhosas. Quando ele morreu, comecei a fazer atendimentos por conta própria.

— E depois você estudou em outros cursos?

— Não, mas sempre fui autodidata e li tudo o que você possa imaginar. Mas parei de ler, há muitos anos. Aprendi a ver o cotidiano como o lugar onde o Espírito se manifesta, e não preciso ler mais

nada.

Pelo pouco que eu conhecera do assunto, ao ajudar Laurindo com as folhas, cascas e raízes, achei que essa aprendizagem devia ser, no mínimo, tão complexa quanto os anos de estudo numa faculdade de medicina.

Já passava da meia-noite quando resolvemos ir dormir. Tínhamos trabalhado em pé durante mais de quatro horas, fora o período da tarde, e minhas pernas estavam doendo.

# Capítulo 8

## Dualidade



## Capítulo 8 – Dualidade

Dormi muito bem de sexta para sábado, na minha quarta noite do “tratamento” com José Antônio. Como de hábito, levantamos cedo no dia seguinte. Preparei meu chá e tomei em jejum, e depois fomos tomar café.

Laurindo tinha anotado uma lista de pacientes das imediações a serem visitados naquela manhã. José Antônio saiu a pé, com sua maleta, para fazer os atendimentos.

Eu fiquei com Laurindo, oferecendo-me para concluir a tarefa da noite anterior: identificar, separar, pesar, ensacar e etiquetar as folhas e raízes, para venda na loja. Foi uma boa oportunidade de conhecer Laurindo um pouco melhor. Ele tinha vinte e sete anos, e, quando criança, tinha sido tratado de males do peito por José Antônio, através das ervas curativas, depois de tentar sem sucesso a medicina convencional.

Por essa época, seu pai e José Antônio ficaram compadres, e a partir daí iniciou-se seu interesse pela flora medicinal brasileira. Quando ficou moço, abriu a loja de produtos herbários, revendendo as raízes e folhas que José Antônio trazia periodicamente, e agendando consultas para os moradores locais. Alguns anos depois, seus pais morreram em um acidente na estrada, e ele se apegara muito a José Antônio.

Por volta do meio-dia, ele retornou e logo fomos almoçar.

— Alguma complicação, Padrinho? indagou Aninha.

— Não, correu tudo bem, respondeu, discorrendo a seguir sobre os pacientes visitados, seus parentescos e os motivos dos atendimentos.

Terminado o almoço, disse:

— Agora vamos para casa. Adélia deve estar preocupada.

Laurindo havia cuidado de Mimosa, que já estava atrelada à charrete.

Novamente, ele pediu para que eu a conduzisse. Estava muito calor, e o chapéu que eu comprara ajudava bastante. Assim que pegamos a estrada, fiz uma pergunta que estava me incomodando:

— José Antônio, você acredita em Deus?

Ele me olhou em silêncio, depois disse apenas:

— Sua pergunta é mais importante do que a resposta.

— Não entendi, José Antônio, que quer dizer com isso?

— Quero dizer que se eu disser que sim ou que não, você ficará satisfeito ou não, dependendo de minha resposta concordar ou não como a sua crença. Mas a sua satisfação ou a minha não são importantes; o importante é a verdade.

— Mas como podemos saber a verdade, no sentido absoluto? Você mesmo disse que tudo o que podemos conhecer são nossas opiniões sobre as coisas, o modo como as representamos em nossa mente, disse eu.

— Exato, respondeu. Mas também podemos refletir com profundidade sobre essas opiniões, descobrir o que está por detrás delas. Veja, por exemplo, a sua pergunta. Ela aplica um modelo dualista, ao supor a existência de um “eu unitário”, do lado de cá, separado de um Princípio Cósmico criador e infinitamente inteligente, “do lado de lá”, ao qual chamamos Deus, ou Realidade.

— Sim, respondi. É o homem, com todas as suas limitações, aproximando-se do Divino através da fé.

— Ou seja, o transitório, limitado e finito, para aproximar-se de Deus, precisa “acreditar” no Princípio Cósmico infinitamente sábio e poderoso. Mais uma vez, trata-se de uma relação dual, como tudo o mais na mente humana.

— Mas, José Antônio, você não querera dizer que o homem e Deus possuem a mesma natureza, a não ser, talvez, alguns poucos homens especiais, como Jesus.

— Preste atenção, respondeu — quando Jesus disse “Eu e o Pai somos Um”, ele queria dizer que *ele* não existia mais como unidade psicológica separada, que é o que chamamos de eu, ou ego. Ele tinha se esvaziado de si mesmo. Essa é a raiz do

problema, pois, ao invés de se esvaziar, o nosso ego cria o “acreditar”, como uma espécie de ponte capaz de religar coisas separadas; o humano ao divino, o seu plano relativo e dualista ao Absoluto e Incognoscível.

Fiquei em silêncio, escutando. Para mim, era uma abordagem totalmente nova e parecia fazer sentido, embora algumas coisas ficassem obscuras e até mesmo eu discordasse delas.

— Além disso, continuou, para fazer sentido na mente humana, ao Absoluto é dado um nome e lhe são atreladas crenças, dogmas e livros sagrados, constituindo-se aquilo que se chama religião organizada. E, assim, o Incognoscível passa a ser representado na mente dualista do homem. Como o ego se considera uma entidade, então considera que Deus é outra entidade; de um lado o ego, de outro lado o Divino, e a crença ou fé como meio de ligação.

— Você está querendo dizer que o ego não é uma entidade?

— Não há unidade no espírito humano, respondeu. Veja em si mesmo. O que há é o contínuo expressar de uma multidão de tendências, pensamentos e sentimentos, muitas vezes contraditórios. Uma hora você quer uma coisa, outra hora quer exatamente o contrário. Num momento gosta de alguém, no outro tem raiva desse mesmo alguém. Depois se arrepende, chora, e volta a gostar, e assim por diante. O que ocorre aí é a manifestação das emoções, dependendo das circunstâncias. Não há um ego, ou entidade pessoal única, interpretando vários papéis, como um ator. O que há são vários papéis, ou conteúdos emocionais, continuamente reafirmando a si mesmos no palco da consciência; eles é que são os atores.

José Antônio parou de falar um pouco, ao perceber minha confusão. Tentei elaborar o que ele dizia. Se bem entendera, ele estava invertendo a visão habitual sobre o assunto, afirmando que não há um ator fixo interpretando esse ou aquele papel, e sim a contínua expressão, na consciência, de conteúdos emocionais autônomos e, muitas vezes, contraditórios.

— Exato, respondeu. E isso sem falar de nossos conteúdos inconscientes, que são um repositório de horrores, paixões, anjos e demônios que desconhecemos e tememos, pois nos fazem “perder o controle”. Assim, é perfeitamente válida a seguinte questão: há

realmente um eu individual unitário no ser humano, capaz de *acreditar* em algo?

Fez uma pausa, aproveitando o efeito de sua pergunta em mim, de completo espanto.

— Não havendo unidade na mente humana, prosseguiu, naturalmente não se pode falar em acreditar, nem em amar, nem em coisa alguma num sentido absoluto. Todas as concepções do intelecto estão no domínio do relativo, no plano das coisas que, para fazer sentido na mente, precisam admitir sua negação, isto é, a possibilidade oposta. Crer implica, como possibilidade, em não crer, e aí se instala a dúvida, que precisa ser eliminada, mas que está sempre atormentando; assim também, à sombra do amor declarado por alguém está o não-amor, ou as restrições à pessoa amada, que deviam permanecer na sombra, mas que emergem nos momentos de conflito.

Essa argumentação me impactou bastante. Na minha formação religiosa cristã, aprendera que o ser humano é um núcleo psicológico dotado de livre arbítrio, uma centelha desgarrada da Energia Divina, devido ao desejo e ao apego ao mundo dos objetos, mas que poderia se religar a ela, através da fé, crença e prática.

Expus essa opinião a José Antônio. Ele pensou um pouco e respondeu:

— Eu sei. Nessa abordagem, a natureza psicológica dual do ser humano deve ser transcendida por meio da supressão da parte “ruim”. Ela se baseia em esforço de transformação ao longo do tempo, com o ego a reprimir ou censurar cinquenta por cento dos conteúdos próprios do dualismo do homem. Porém, Jesus nos aconselhou a nascer de novo, espiritualmente, e a sermos inocentes como uma criancinha. E o ego nunca é inocente, muito menos um ego repressor que quer alcançar recompensas no futuro.

A argumentação de José Antônio abriu algo na minha mente. De fato, ao acreditar em Deus sem haver a dissolução do ego, somos levados a reprimir nossas tendências “más”, como sentir raiva, falar mal dos outros, ficar revoltado com os fatos da vida, e tudo o mais.

No lugar de tudo isso, tentamos cultivar as tendências “boas”,

obedecendo os mandamentos e às recomendações religiosas. Vez por outra, porém, cometemos atos falhos, em que as tendências sufocadas revivem e se manifestam.

Mas, afinal, quem, ou o quê é o chamado ego, o nosso eu individual? eram perguntas que nunca me ocorreram antes.

Com todas essas indagações me fervilhando na mente, nem percebi que a viagem se aproximava do fim. Ainda havia sol quando chegamos na casa de José Antônio.

Dessa vez, fui eu mesmo cuidar de Mimosa. Já havia me afeiçoado a ela.

Após o jantar, ficamos na varanda contemplando a caatinga imensa, iluminada por uma magnífica lua prateada. A brisa trazia perfumes no ar. Perguntei a Adélia de onde vinham esses aromas, e ela me disse que algumas flores do sertão só exalam seu perfume à noite.

Era o quinto dia que passava em companhia de José Antônio. O ambiente, os animais, a campina solitária e as conversas com ele estavam mexendo comigo, e uma grande mudança parecia estar se operando em mim. Em poucos dias, sentia-me revigorado e muito próximo daquela paisagem, daquelas pessoas. O sentimento de rejeição, de ser estranho na terra, tinha desaparecido.

Fomos dormir cedo, e eu tive uma boa noite de sono.



## Capítulo 9

### Raízes da ego-separação



## Capítulo 9 – Raízes da ego-separação

Acordei bem cedo. Adélia tinha preparado uma mesa farta e variada, e eu estava com muita fome. Era domingo. Lembrei que seria meu sexto dia com José Antônio; em breve deveria ir embora.

— Seu Leonardo nos convidou para almoçar na Fazenda Contador, disse José Antônio, — é aniversário de D. Luíza, sua esposa. Dessa vez, é melhor ir de carro. Pode ser?

Concordei prontamente.

— Claro! Que horas sairemos?

— Mais tarde, respondeu José Antônio — no caminho, passaremos em Vapabuçu para deixar Adélia, que vai passar o dia com seus parentes, e só voltará amanhã.

Em seguida, disse, tocando no meu braço:

— Mas ainda é muito cedo. Venha comigo, vamos dar uma volta na campina.

A manhã ainda estava fresca e agradável. Assim que começamos a caminhar, disse-lhe que aquela conversa sobre dualismo me deixara num beco sem saída, pois já não via como transpor o abismo que parecia haver entre o plano relativo de nossas concepções, e o Absoluto.

— Há um abismo, realmente, disse ele. O pensamento funciona o tempo todo e absorve muita energia, remoendo o passado e projetando o futuro. Além disso, temos o mundo emocional, sempre às voltas com prazer e dor, alegria e desgosto e tudo o mais. Já o Absoluto é o Espírito, uma Presença indefinível e sutil, não sujeita aos juízos humanos, que tanto cria mundos como os destrói.

— Porque não sentimos essa presença? Parece que isso resolveria todos os nossos problemas.

— Poderíamos senti-la, embora não com a mente nem com os sentidos. Para isso, porém, precisaríamos desenvolver uma

antena muito mais sensível do que o pensamento ou a emoção, com sua carga de “pessoalidade”.

— Não podemos descartar a emoção, respondi, assim como não podemos interromper o pensamento.

— Exato, porque *somos* pensamento e emoção em todos os níveis de percepção que conhecemos, tanto sensoriais como mentais. É esse o abismo ao qual me referi, pois o Absoluto escapa a esse tipo de percepção.

— Sendo assim, ficamos na mesma, respondi.

— Talvez não, disse ele. Quando procuramos sentir a presença do Espírito, nós o fazemos da maneira errada, usando os mesmos níveis de percepção onde funcionamos no cotidiano. Ou seja, queremos aplicar as coisas do ego: pensamentos e emoções, conhecimentos e juízos, crenças e valores, para chegar àquilo que transcende toda a criação do cérebro humano.

Parou um pouco e completou:

— De certo modo, poder-se-ia dizer que não sentimos essa presença porque nos esforçamos para senti-la; não entendemos que isso está fora de nosso alcance enquanto egos separados.

Achei engraçado ele dizer que não sentimos o Divino porque estamos nos esforçando para senti-lo, através do esforço do ego em atingir metas.

Lembrei-me de uma poesia de Fernando Pessoa, que diz: “ *O único mistério é haver quem pense no mistério*”, e perguntei:

— Mas qual é a necessidade de que o homem desenvolva o sentido interior da ego-separação? Porque o Absoluto consentiria tal fenômeno? Pois se isso existe, deve ter algum papel na evolução ou no significado do Universo.

— É uma coisa muito difícil de entender, respondeu, e mesmo de se falar a respeito.

— Mas você pode ao menos tentar, José Antônio.

— Vejamos. Ao nos sentirmos apartados do Universo, através do sentido de identidade pessoal, imediatamente nos sentimos incompletos, e imaginamos encontrar a felicidade através dos

objetos da experiência sensorial. Para isso, precisamos conquistar, consumir, possuir e controlar pessoas e coisas.

Ele estava certo. Lembrei-me do consumismo, da relação predatória do homem com a natureza, e do desejo de domínio sobre outros seres humanos. Tudo isso, entretanto, não tinha produzido um ser humano mais feliz, e sim mais embrutecido.

Fiz alguns comentários sobre isso. José Antônio me escutou e depois prosseguiu:

— A felicidade que procuramos implica a satisfação de nossos desejos. O sujeito que deseja está “aqui dentro”, e os objetos do desejo estão “lá fora”; novamente, é uma relação dual. Ao buscar a alegria e o prazer na experiência sensorial, vemos que esta traz consigo também a tristeza e a dor, e então enredamo-nos nas contradições dessa busca, entupindo-nos de decepção, mágoas e toda sorte de frustrações.

A essa altura, eu já tinha entendido a dança dos elementos dos pares de opostos, com cada um deles convertendo-se no outro, e disse:

— Porque o tempo a tudo transforma, e o que era bom ontem, já não é tão bom hoje.

— Sim. Quando, finalmente, percebemos que as rosas e espinhos são inseparáveis, perdemos a referência para a busca da felicidade. Até isso acontecer, porém, já estamos atolados em sombras psíquicas, por causa das frustrações, perdas e desgostos que acumulamos ao longo do tempo, e nos sentimos de novo carentes e incompletos. Isso nos impele para reiniciar o ciclo: incompletude, solidão, tristeza, busca, esforço, fruição de prazeres, decepção, perda, dor.

— Parece um tipo de círculo vicioso, comentei.

— Sim; é um processo que tende a recriar-se indefinidamente. Nele, o Ser está inconsciente de si; é como se olhasse no espelho e visse apenas essas sombras emocionais, com as quais fica identificado, pois não despertou para si mesmo. Ao perceber isso, o ego abandona a busca do transitório e passa a desejar a transcendência, o atingimento do divino.

— Que é um outro tipo de busca, mais nobre, com certeza.

— É, sem dúvida. Porém, “aquele que procura”, ao buscar algo diferente de si mesmo como objeto de satisfação permanente, ainda está reafirmando a mesma relação dual que, logo de início, o distanciara da Totalidade.

Fiquei confuso. Se for assim, não há esperança de salvação possível para o homem, pensei comigo. Manifestei a ele minha inquietação.

— O grande paradoxo é que a salvação só pode acontecer quando não houver o *eu pessoal* querendo se salvar, respondeu. Isso, entretanto, nos escapa por completo, e, assim, ainda e sempre como egos separados, pelejamos para atingir um estado permanente de paz, imune às intempéries da existência, o que reafirma novamente a relação dual, pois, se há um objetivo, há um sujeito que almeja por ele.

— Parece que não podemos mesmo ficar livres da relação sujeito-objeto, falei.

— Talvez não. Mas podemos perceber que os pares de opostos sempre aparecem juntos, e são, como disseram os sábios, faces da mesma moeda.

— E que moeda seria essa, José Antônio?

— Não se pode dizer, respondeu. O fato é que a Realidade se nos apresenta bipolarizada. O Universo assim se manifesta, e o coroamento da criação é exatamente o sujeito que discerne entre essas polaridades. Ele é o anjo decaído, o “eu” que se separou a fim de procurar sua felicidade individual nos objetos da experiência, perdendo-se nas contradições de seus caminhos tortuosos.

Isso me impressionou muito. José Antônio estava relacionando o ego com Lúcifer, o anjo de luz que foi expulso do céu, porque quis ser igual a Deus.

— Mas agora sua busca é outra, prosseguiu. Já não se trata dos objetivos materiais, sensoriais; o ego pensa em termos de paz espiritual. Tendo conhecido a alegria e a tristeza, a satisfação do desejo e a frustração, o prazer e a dor, o amor e o ódio e todos os demais sentimentos humanos, igualmente bipolarizados, ele percebe que felicidade não pode ser um objetivo a ser atingido no

futuro, e só pode ser um estado de espírito no presente, onde todos os objetos da experiência sensorial, com sua carga dual, estão ausentes.

— Então, que tipo de felicidade é essa?

— Não se pode defini-la. Ela não é prazer nem dor, não é apego nem saudade, não é simpatia nem antipatia, e, naturalmente também não é busca, e nem esforço. Ao deixar cair suas máscaras e desapegar-se dos objetos da experiência sensorial, o ego encontra a felicidade na energia consciente de si mesma, que ele apenas testemunha silenciosamente. Aí não há mais dualismo.

— Não entendo, José Antônio. Está dizendo que o único jeito de não haver relação dual é quando o ego deixa de existir como sujeito pessoal?

— Sim, quando se esvazia de si mesmo e fica centrado nisso. E aí descobre a Felicidade, que é estar consciente de algo não pertencente aos sentimentos, sensações e pensamentos que governavam sua existência. Mas isso só ocorreu graças à sua aventura como ego separado nesse mesmo mundo de objetos.

Tive a impressão de estar entendendo o que ele dizia, e comentei:

— Então não se pode condenar o ego, porque, afinal, é ele quem poderá testemunhar algo que não seja de sua produção.

— Condenar e absolver fazem parte de seu próprio repertório dualista, respondeu, e não acrescentam nenhuma compreensão. A noção de separatividade é um logro que o Universo nos prega, induzindo-nos, por todos os nossos sensores perceptivos, a considerar-nos mesmo como sujeitos separados, como que convidando-nos a “sair do Paraíso”. Mas é também o meio pelo qual pode ocorrer o despertar, embora isso seja um evento extraordinariamente raro, absolutamente improvável, e no entanto pode ocorrer.

— Mas porque um despertar é tão difícil assim?

— É mais do que difícil; é quase impossível, respondeu.

— Mas deve haver um motivo, José Antônio

— Os antigos sábios já nos disseram, há milênios, que a

mente humana é como uma caverna escura, onde se desenvolvem todos os seus conteúdos, suas descrições do mundo, noções de valor e significado. Qualquer coisa nova é logo representada por imagens e descrições, e se transforma em mais um conteúdo da caverna, um símbolo apenas. Como saber se há algo não produzido dentro das paredes dessa prisão? Como identificar algo que não se origine dessa caverna?

Percebi que ele estava aludindo ao famoso texto de Platão, a Alegoria da Caverna, sobre um diálogo de Sócrates. Eu já o conhecia, mas sua leitura apenas tinha reafirmado minha consciência de ser mais um prisioneiro acorrentado no interior da caverna. Não sabia o que responder. Mas ele prosseguiu:

— Para isso, os homens da caverna precisam de alguém, de um sábio que já tenha saído dela rumo à luz e que lhes informe qual é a verdadeira natureza da realidade, além desse mundo de sombras. Porém, tudo o que esse sábio possa dizer imediatamente se transforma em novas representações mentais — memórias, símbolos e descrições, imagens e projeções nas paredes da caverna.

Pensei comigo que esse é o preço que pagamos por só ter ouvido dizer, por não ter experiência de primeira mão.

— Alguns deles podem “acreditar” nas descrições desse sábio, considerá-lo divino, um mestre ou salvador, podem fundar uma escola ou seita com seus ensinamentos, mas tudo isso apenas acrescenta mais conteúdos da caverna. Outros podem negar as palavras do sábio, o que também apenas acrescenta mais conteúdos, memórias e símbolos.

— Então, como pode haver saída dessa caverna?

— Estamos falando de aquisição de conteúdos mentais e sobre as histórias que criamos e nas quais acreditamos. Veja por si mesmo: estamos continuamente projetando, assistindo e interpretando o significado de uma infinidade de filmes, onde os atores são as representações que fazemos das pessoas e coisas, e os enredos são as relações que construímos sobre elas.

Olhando desse modo, a coisa me pareceu mais inteligível. De fato, havia muitas histórias recorrentes que eu trazia do passado e constantemente reapresentava, acreditava nelas e sentia de novo

toda a sua carga emocional. Ou então criava novos enredos a partir de percepções distorcidas da realidade, encenava-os e ao mesmo tempo os interpretava, desgastando-me inutilmente.

— Tudo isso, continuou, nos faz acreditar na existência de uma espécie de espectador fixo assistindo a uma seqüência interminável de filmes e interpretando suas cenas e falas. É esse o ponto crucial: quem é esse espectador?

— No meu caso, só posso responder que sou eu mesmo, José Antônio, respondi.

— E esse “eu mesmo” possui duas naturezas, mas só conhece a segunda delas. Esse é o problema. Para ele, só faz sentido o seu mecanismo de reconhecimento, graças ao qual ele identifica sua história pessoal e interage com seus semelhantes, gostando ou desgostando, juntando ou separando, e tudo o mais. Só esse mecanismo é importante para ele, pois é onde estão seus conteúdos, seus significados existenciais. Mas a continuidade desses significados e dessa história pessoal exige algo que seja exterior ao sistema pensamento-emoção. Então, no vácuo de percepção de sua primeira natureza, surge o ego como entidade pessoal, hierarquicamente superior aos pensamentos, que ocupa indevidamente esse espaço. A libertação só ocorre quando se percebe essa impostura.

— E como ele poderia descobrir sua primeira natureza?

— Ele não pode descobri-la. Precisa parar de procurar por ela, e ao mesmo tempo se desapegar completamente de sua segunda natureza. Percebe agora o quão difícil é isso? Ele tem que abandonar todos os seus valores, do bem e do mal, e ficar disponível para a manifestação do Absoluto. Isso equivale a sair da caverna por si mesmo.

Achei sua explicação realmente muito complexa, como ele dissera, e não a entendi em vários aspectos. Mas eu me sentia num estado de intensidade de espírito, como quem está para descobrir algo importante, e isso me deixava ansioso.

Tudo o que ele dissera me parecia ser a chave que eu buscava para descobrir a libertação do meu próprio sofrimento, mas eu sentia que estava faltando alguma coisa, que eu não sabia o que era.

Continuamos andando em silêncio, até chegar em casa.



## Capítulo 10

### Uma festa no sertão



## Capítulo 10 – Uma festa no sertão

Era hora de sair.

De carro, demoramos pouco tempo para vencer os quinze quilômetros que nos separavam de Vapabuçu. Fomos até a loja de Laurindo, que estava aberta. Ele ficou admirado quando nos viu chegar, pois não sabia que eu tinha carro. Paramos em frente à loja, enquanto Adélia saía em direção à praça central, onde haveria a feira de domingo, pedindo que esperássemos um pouco.

Enquanto isso, ficamos com Laurindo, conversando sobre as ervas medicinais que havíamos separado para venda no varejo. Eu estava ficando bem prático nisso; já reconhecia uma boa quantidade de raízes e ervas.

Dentro em pouco Adélia voltou, trazendo um pacote finamente embrulhado, que entregou para José Antônio:

— Para levar de presente para D. Luíza, falou.

Ele agradeceu muito, pois não lembrara disso, e comentou comigo algo sobre a sensibilidade de Adélia. Despedimo-nos dela, que só voltaria no dia seguinte, de Laurindo e Aninha.

Entramos no carro e saímos. Em pouco mais de meia hora já estávamos nos limites da Fazenda Contador. Aproximando-me da porteira, avistei um carro de boi conduzido por um rapazinho. Eu o conhecia. Era Zuca, o filho de Seu Leonardo com quem eu fizera amizade. O veículo era conduzido por uma junta de bois bonitos e robustos.

Parei o carro e perguntei:

— Onde vai, Zuca?

Ele me reconheceu, deu um sorriso e disse:

— Vou até ao arraial buscar umas encomendas para pai.

— Quer que o leve de carro?

— Não! Eu gosto de guiar o carro de boi, vou conversando com Capricho e Cravo Branco!

E seguiu em frente, rumo ao arraial, enquanto eu fui em sentido oposto, rumo à fazenda.

Fiquei pensativo. Era uma volta ao passado. Carro de boi! Eu apenas ouvira falar nesse tipo de veículo tão primitivo, de madeira, puxado por bois. Nunca tinha visto um, de perto. O menino, porém, o conduzia com gosto, e fizera amizade com seus animais, um boi branco chamado Cravo Branco e um malhado, o Capricho.

Pensei que futuramente, em São Paulo ele poderia, talvez, vir a ter um belo carro e dirigir em excelentes rodovias, ou transitar pelas ruas e avenidas da cidade, com seus engarrafamentos, ouvindo músicas de um CD; mas essa experiência telúrica de seus verdes anos, quase idílica, ficaria perdida para sempre.

Em poucos minutos chegamos à sede. Enquanto José Antônio e Seu Leonardo se cumprimentavam, fui guardar o carro debaixo de um telhado grande, onde ele abrigava os veículos da fazenda.

Estava previsto um almoço de festa. Fazia muito calor, e fiquei em baixo de uma árvore frondosa, apreciando uns vaqueiros que cantavam, acompanhando-se à sanfona e ao violão, próximos a um grande pé de juazeiro que havia no curral:

Juazeiro, juazeiro  
Me arresponda, por favor,  
Juazeiro, velho amigo,  
Onde anda o meu amor  
Ai, juazeiro  
Ela nunca mais voltou,  
Diz, juazeiro  
Onde anda meu amor  
Juazeiro, não te lembra  
Quando o nosso amor nasceu  
Toda tarde à tua sombra  
Conversava ele e eu  
Ai, juazeiro  
Como dói a minha dor,  
Diz, juazeiro  
Onde anda o meu amor

Juazeiro, seja franco,  
Ela tem um novo amor,  
Se não tem, porque tu choras,  
Solidário à minha dor  
Ai, juazeiro  
Não me deixa assim roer,  
Ai, juazeiro  
Tô cansado de sofrer  
Juazeiro, meu destino  
Tá ligado junto ao teu,  
No teu tronco tem dois nomes,  
Ele mesmo é que escreveu  
Ai, juazeiro  
Eu num güento mais roer,  
Ai, juazeiro  
Eu prefiro até morrer.  
Ai, juazeiro...

Eu já conhecia a famosa canção “Juazeiro” \* desde pequeno, em São Paulo. Fiquei pensando na letra. Como todas as canções populares, ela traduzia a eterna procura humana de unidade, de completude.

De certo modo, ela, tinha a ver com minhas últimas conversas com José Antônio, pois resumia a saga humana procurando uma felicidade custosa e fugidia, e sofrendo por causa disso, dada a instabilidade de tudo a que nos apegamos, pela vida afora.

Perto das duas horas da tarde teve início o almoço. Subi para a sede, junto com José Antônio, e fomos para a sala, onde havia uma enorme mesa, muito bem servida, estando Dona Luíza e seus filhos já sentados. José Antônio foi até ela, cumprimentou-a e deu-lhe o presente que Adélia comprara. Do lado de fora, debaixo de um grande coberto de lona improvisado, havia outra grande mesa, onde os empregados da fazenda participavam da confraternização.

Após o almoço, Seu Leonardo ficou contando casos curiosos, ocorridos com parentes e pessoas da região. Ele encenou um esquete muito engraçado, simulando um paciente ao ser atendido pelo médico da família:

---

\* Juazeiro, música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira.

Ai que dô, seu dotô  
Aqui do lado, seu Machado  
Na frente, seu Vicente  
Na canela, sá Manoela,  
Eu fico, seu Chico,  
Tô prá morrê, siá Tetê!

E prosseguia a brincadeira, com outros também contando seus casos e anedotas. Por volta das cinco horas, José Antônio se despediu de todos, alegando ter compromisso. Fiz o mesmo, e fomos embora, seguindo sem delongas para a casa de José Antônio, que parecia ter pressa.

## Capítulo 11

### Uma noite de mistério



## Capítulo 11 – Uma noite de mistério

Chegando em casa, José Antônio me deu sinal para ir com ele, pois parecia ter algo a me dizer. Sentamos nas poltronas da varanda e ficamos alguns momentos em silêncio, apreciando o crepúsculo do sertão. Uma faixa de nuvens imóveis nas fímbrias do horizonte recebia os últimos raios solares, que se decompunham em múltiplas cores. Era um espetáculo realmente maravilhoso.

Repentinamente, ele me disse:

— Hoje à noite Jorinã virá aqui.

Perguntei algo sobre o velho índio, como o tinha conhecido, de onde ele era.

— Ele descende dos índios Pankararus que habitavam toda esta região, em tempos antigos. É neto do curandeiro que me ensinou a arte de curar usando as ervas medicinais, na minha juventude. Jorinã e eu trabalhamos juntos há muitos anos.

Perguntei, então, o que o trazia aqui.

— Ele quer lhe dar o chá Ayahuasca! Eu lhe disse que não via necessidade, mas ele insistiu. Mas, que fique bem claro, isso só se você concordar. Quero crer que você já ouviu falar nesse chá.

Fui pego totalmente de surpresa. Já tinha ouvido falar no chá Ayahuasca, da Floresta Amazônica, e de como ele havia penetrado legalmente em inúmeros países, para uso ritualístico. Até mesmo em países que inicialmente opuseram uma resistência ferrenha, como Espanha e Estados Unidos, o chá foi permitido, após demorada batalha legal que terminou na Suprema Corte, onde ele foi totalmente devassado.

Concluíram o mesmo que já se sabia no Brasil: que, embora contendo substâncias psicoativas entre seus ingredientes, era inofensivo e não causava dependência, havendo inclusive muitos relatos de ex-dependentes de drogas que se libertaram do vício, após tomar contato com o chá.

Lembrei-me também de um antigo conhecido, que foi ao Acre, em meados dos anos noventa, movido pela curiosidade de conhecer o chá, que sempre foi permitido no Brasil para uso ritualístico, mas que raramente saía das fronteiras daquele Estado, naquele tempo.

O meu conhecido viajou por conta própria e sozinho até Rio Branco, no Acre, conheceu uns caboclos e acabou indo com eles participar de uma cerimônia onde se fazia uso da Ayahuasca.

Segundo relato dele mesmo, serviram-lhe uma porção generosa, que ele tomou sem medo, enquanto ouvia as músicas típicas da cerimônia, algumas assemelhando-se a ladainhas de invocação de anjos e santos, outras cantando a riqueza da Floresta ou invocando a proteção de suas entidades.

Pouco tempo depois começou a passar mal e vomitar, num processo que chamam de *limpeza*, e que ocorre com muita frequência, sendo considerado a ação da Terra para purificação física e espiritual da pessoa.

Ele, porém, não sabia disso na época, e quando olhou para os caboclos e os viu rindo, achou que tinha sido envenenado. Parece que sentiu muito medo na hora, mas logo depois melhorou e, no decurso da cerimônia, com outras tomadas do chá, teve suas experiências internas, que são particulares, e que ele achou bastante impressionantes.

Isso era tudo o que eu sabia da Ayahuasca, fora algumas pesquisas na Internet onde constatei que, àquela altura, o uso ritualístico do chá espalhara-se pelo Brasil e por muitos países do mundo. Mesmo assim foi surpresa encontrá-lo em uma cidade remota como Vapabuçu.

Respondi a José Antônio que concordava, e perguntei se ele iria participar.

— Não, respondeu. Vou dormir. Cheguei a tomar o chá algumas vezes, há muito tempo, mas depois nunca mais tomei. A cerimônia vai começar às dez da noite no quintal, nos fundos da casa. Ele vai trazer um sobrinho, chamado Lucas, para ajudá-lo. Há várias árvores ali. Leve sua manta e sua esteira, caso queira dormir um pouco. A certa altura da madrugada, eles vão fazer uma fogueira; é um ato que simboliza o surgimento da luz nas trevas da

ignorância. A cerimônia termina ao raiar do novo dia, que vocês vão assistir ali mesmo. Agora, procure descansar, e, se sentir fome, coma algo leve, no máximo até uma hora antes do início.

Eram quase sete horas. Eu não tinha absolutamente nenhuma fome, e fiquei todo o tempo contemplando a chegada da noite, da lua e das estrelas. Sentia-me muito tranquilo.

Por volta das nove horas, Jorinã chegou com seu sobrinho, trazendo alguns objetos em mochilas e sacolas, e foram para os fundos. Ficaram preparando o quintal para a cerimônia.

Às dez horas em ponto eles me chamaram. O quintal era muito grande. Eles tinham limpadado e preparado uma área coberta com uma lona, amarrada nas árvores. Havia alguns lampiões acesos em pontos estratégicos, o suficiente para dar um ar fantasmagórico ao ambiente, e também vários incensos acesos, com cheiro muito forte.

Havia também uma mesa e algumas cadeiras. Estendi minha esteira no pé de uma árvore, deixando a manta dobrada como se fosse um travesseiro. A noite estava quente e o ar, parado. Sobre a mesa estavam duas garrafas de Ayahuasca, e havia também um aparelho de tocar CD, funcionando a pilha. Um disco já estava em execução, tocando cantigas tipo ladainha.

Lembrei-me da primeira vez que estivera ali, num domingo que parecia longínquo, mas na verdade acontecera na semana anterior. Eu procurava por José Antônio, e a casa fechada parecia vazia. Bati palmas e entrei, circundando a residência, mas, sem motivo aparente, senti-me intimidado, e me apressara em sair do local. Depois fez um vento muito forte e choveu de repente, enlameando a estradinha de terra.

Achei que não era bom augúrio, mas prossegui em minha intenção mesmo não tendo encontrado o raizeiro. E agora eu me via exatamente nesse território, prestes a tomar o chá Ayahuasca, com tudo o que tinha sabido a respeito dele, por informações de outros. Tudo isso me encheu de apreensão, mas não recuei.

Lucas também ia tomar o chá, e parecia ser veterano nesses rituais. Estava encarregado de providenciar a troca dos discos CD no aparelho. Jorinã explicou que uma das garrafas continha o chá

numa concentração forte, e a outra continha o chá um pouco menos concentrado. Disse que apenas coordenaria o ritual, sem beber da Ayahuasca, e que na primeira e segunda tomadas serviria do chá mais concentrado. Recomendou que ingeríssemos pelo menos essas duas tomadas, que seriam espaçadas de uma hora.

Depois disso, nós poderíamos interromper a ingestão do chá, ou pedir-lhe doses adicionais, podendo escolher entre a Ayahuasca de menor concentração, apenas para manter o efeito, ou da mais forte, se quiséssemos, mas sempre espaçando as tomadas de pelo menos uma hora. Recomendou que ficássemos em silêncio, cada qual ligado em sua própria experiência.

Formamos um pequeno círculo. Ele proferiu uma oração e fez algumas saudações, e nós o imitamos. Iniciava-se o ritual. Ofereceu-me um copo contendo três dedos do chá. Fez o mesmo para seu sobrinho, que o bebeu de um gole só. Não sei porque, eu bebi a Ayahuasca bem devagar, saboreando cada gole. Era ao mesmo tempo azedo e amargo. Curiosamente, porém, não me incomodou nem um pouco.

Depois, Lucas sentou-se no chão e encostou-se a uma árvore. Imitai-o, sentando na esteira e usando a manta como apoio para as costas. Durante algum tempo não senti nada, mas depois comecei a sentir enjôo e um pouco de tontura. Sentia a mente confusa. Havia uma profusão de estímulos sensoriais: o cheiro dos incensos, as cantigas que invocavam a proteção das entidades da floresta e de alguns santos da Igreja Católica, a atmosfera lúgubre dos lampiões, mal clareando a escuridão.

Os cânticos me lembraram de uma visita que eu fizera a um centro de Umbanda, há muito tempo atrás, pedindo ajuda para cura de um problema no joelho; eles se assemelhavam ao *ponto* com que os participantes chamavam à sessão determinadas entidades, que eram incorporadas pelos médiuns. Na ocasião, achei todo o conjunto assustador, desde o cenário, com sua coreografia especial, até o local remoto e de difícil acesso onde ficava o centro.

Essas lembranças iam e vinham e se misturavam com imagens aterrorizantes que também subiam à tona, despertando velhos pavores, pois sempre tive aversão a essas práticas. Mas eu estava firmemente decidido a *nada segurar e nada expulsar* de

tudo o que me viesse à mente, permanecendo em estado de observação, segundo as recomendações de José Antônio para o autoconhecimento. Os anjos invocados nas ladainhas giravam na minha cabeça e se alternavam com imagens horrendas e zombeteiras vindo não sei de onde, talvez sugeridas pelo contexto, a escuridão e tudo o mais. Percebi que estava transitando pelo mundo astral, repleto de influências atormentadoras. Tudo isso vinha muito rápido e resvalava rente a mim, mas sem me atingir. Isso me deu força e mantive a disposição de nada agarrar e nada expulsar.

Em certo momento notei que Lucas se levantara para trocar o CD, e para renovar uma porção de incensos, que estavam terminando. Não conseguia mais ver Jorinã. De repente, senti uma espécie de pancada dentro da cabeça, atrás da testa. Na verdade não foi uma pancada; foi a sensação de um barulho surdo, como se estivesse destravando algo na minha cabeça, interrompendo imediatamente toda aquela confusão, e, a partir desse momento, não senti mais medo.

Senti meus olhos perderem sua fixidez no ponto focal costumeiro, parecendo movimentar-se livremente sob as pálpebras. Era uma sensação engraçada e até agradável, embora muito estranha.

Pouco depois, Lucas levantou-se e foi tomar a segunda dose. Tentei fazer o mesmo, mas vi que tinha dificuldade em levantar-me e, mais ainda, em manter-me de pé. Em pouco tempo, porém, firmei-me nas pernas e fui, lentamente, até a mesa onde estavam as garrafas.

Jorinã apareceu de novo e então nos serviu dois dedos do chá forte. Lucas tomou tudo de uma só vez, mas eu bebi de novo a Ayahuasca muito lentamente, saboreando cada gole, e voltei para meu canto junto à árvore.

Pouco tempo depois, os enjôos voltaram com mais força. Observei que também Lucas estava nauseado, e se levantara para ir vomitar mais abaixo, na direção dos fundos do quintal. Imaginei que em breve eu precisaria ir, também, mas as náuseas ainda não pareciam ser suficientes para tanto. Quando o enjôo aumentou, fui também para os fundos e esperei o vômito descer, mas nada aconteceu. Esperei um pouco, mas não vomitei e retornei para

meu canto.

Sentei-me sobre a esteira. Ajeitei a manta nas minhas costas e encostei na superfície rugosa da árvore. Fiquei ali alguns minutos e senti que estava me dando sono, mas achei que não deveria dormir: queria aproveitar integralmente aquela experiência, e levantei-me novamente.

A essa altura, eu já estava conseguindo permanecer de pé e caminhar com estabilidade, embora muito lentamente. Meus olhos haviam se acostumado com a semi-escuridão, mas, novamente, eu perdera Jorinã de vista. Fiquei andando pelo quintal; todo aquele cenário, que me parecera assustador, já não me causava nenhum medo. Mesmo as ladainhas, que antes me haviam despertado imagens e sensações muito desconfortáveis, já não me incomodavam mais.

Sentia a mente clara e sem nenhuma *miração*, uma espécie de visão que alguns têm, e que foram mencionadas em alguns cânticos. Não sei quanto tempo se passou, mas fiquei andando para lá e para cá, sob a lona. Depois me aventurei para fora do cercado e olhei o céu; estava coberto de estrelas, mas não avistei a lua.

Terminaram as faixas do CD que estava tocando. Olhei para Lucas, mas ele estava dormindo, enrolado numa coberta. O silêncio que se seguiu era igualmente impressionante, mas continuei calmo e caminhando devagar, prestando atenção nos meus passos sobre o terreno, às vezes parando e contemplando a paisagem.

De repente, ouvi o som forte de um tambor sendo tocado ritmadamente. Tive um sobressalto. Era Jorinã, que tinha reaparecido e estava de pé, junto à mesa onde estava o chá e o aparelho de som. Ele me olhava fixamente com um olhar esquisito, e pensei que talvez ele tivesse também tomado o chá. Começou a cantar uma cantiga indígena, de letra incompreensível, acompanhando-se ao tambor. Achei que era parte de alguma pajelança que, provavelmente, ele estava habituado a fazer, com finalidade de cura, ou para invocar poderes mágicos.

Isso me impactou um pouco, mas continuei na disposição de manter o espírito livre, sem ficar obsedado por imagens, julgamentos ou sensações que novamente começaram a surgir e desaparecer

em turbilhão, e voltei ao estado anterior de lucidez, embora consciente de todas as sugestões e influências que tentavam se apoderar de mim. Era como se transitasse entre névoas, num lugar escuro e desconhecido; não conseguir enxergar o caminho, entretanto, ia pelo caminho certo.

Continuei caminhando muito lentamente, por um tempo indefinido. Lucas acordou, levantou-se e foi colocar outro CD, a um olhar de Jorinã, que tinha parado de tocar o tambor e cantar.

A certa altura, notei que o efeito do chá diminuía, e fui até a mesa para pedir mais uma dose a Jorinã. Ele ia pegar da garrafa com o chá menos concentrado, mas, com um sinal de cabeça, eu indiquei a mais forte. Ele serviu dois dedos da bebida no meu copo e eu bebi, de novo muito devagar, e voltei a caminhar pelo quintal, tanto sob a lona como sob o céu descoberto onde as estrelas tiritavam, parecendo mais longínquas.

Comecei a sentir frio e peguei minha manta, enrolando-a em meus ombros. Eu resolvera não sentar na esteira, porque não queria mesmo dormir. Lucas, ao contrário, voltara a se esticar no chão e dormir.

Vi Jorinã se dirigir a um certo lugar do quintal para preparar a fogueira. Ao que parece, estava tudo ajeitado previamente, porque em poucos minutos senti o cheiro de fumaça e logo vi subirem as labaredas. Algum tempo depois, as chamas cederam e fui até a fogueira. Fiquei apreciando a claridade que ela proporcionava ao ambiente; era um belo contraste naquela escuridão.

Voltei para a área sob a lona e fiquei um pouco de pé junto à árvore. Depois voltei para a fogueira e continuei andando. Fui novamente até Jorinã e pedi outra dose. Como da vez anterior, ele serviu mais um pouco de Ayahuasca no meu copo e eu bebi, outra vez muito devagar.

Comecei a me sentir muito cansado e resolvi sentar-me sobre a esteira, encostando-me na árvore em posição reta. Mantive os olhos bem abertos. Não havia música, Lucas dormia e Jorinã tinha sumido de novo. Senti chegar um sono invencível e ajeitei-me ficando bem na vertical junto à árvore; era uma posição desconfortável que dificultava que eu dormisse.

De repente, comecei a escutar uma respiração forte, lenta e ritmada, com se alguém estivesse em sono profundo. Achei que era Lucas, mas ele ressonava levemente. Fiquei um pouco confuso, e, de repente, percebi que era meu próprio corpo! Meu peito subia e descia com respirações vagarosas e tranqüilas. Achei que estava dormindo na vertical, mas, sem dúvida, ainda estava de olhos abertos. Movimentei minhas mãos e movi os olhos, circundando o ambiente e reconhecendo tudo, embora difusamente. Estava acordado, mas em outro nível parecia estar dormindo.

Aí senti um cansaço extraordinário e percebi que, se continuasse encostado na árvore, dormiria imediatamente. Levantei-me com dificuldade e voltei a caminhar, e fui até a fogueira, onde, a essa altura, só restavam as brasas, lambidas por pequenas línguas de fogo.

Fiquei alternando pequenas caminhadas com longos períodos de pé junto à árvore, e não me senti mais. Olhei para o céu e notei que, para os lados do leste, uma pequena claridade estava se insinuando no negrume da noite. Fiquei muito contente, mas imaginei que poderia ser uma projeção minha, um tipo de miragem.

Mas não era. Aquela pequena brecha de luz foi se alastrando lentamente pelo céu escuro. Era, finalmente, o amanhecer. Senti-me feliz e voltei até a fogueira, mas só haviam cinzas. Em poucos momentos a claridade aumentou a ponto de tornar inúteis os lampiões, que ainda estavam acesos.

Lucas estava acordando. Jorinã apareceu de novo e trazia nas mãos uma bandeja com uma tigela de sopa, pratos e colheres, que colocou sobre a mesa. Em seguida nos chamou em voz baixa, dizendo que deveríamos compartilhar a refeição com ele. Lucas assentiu prontamente, mas eu disse que achava melhor não comer nada. A simples idéia de engolir algo me dava engulhos.

Mas ele insistiu e acabou me servindo uma pequena quantidade da sopa. Sentei-me na minha esteira e comecei a tomar a sopa, em porções bem pequenas. Achei que iria enjoar, mas, depois das primeiras colheradas, a sensação de náuseas diminuiu. Mesmo assim não me apeteceu, e preferi comer uma pêra de uma cestinha de frutas que Jorinã também trouxera. Ele também participou da refeição, moderadamente, mas Lucas demonstrava apetite e tomou todo o seu prato de sopa, e depois comeu frutas

também.

Novamente, formamos um pequeno círculo e Jorinã finalizou a cerimônia, proferindo algumas palavras de agradecimento, e curvando-se em saudação. Fizemos o mesmo.

O sol surgia lentamente no céu, abrindo uma clareira dourada nas nuvens escuras.

Ainda não eram seis horas da manhã quando José Antônio veio ao quintal e nos cumprimentou. Olhou especialmente para mim, e perguntou como estava me sentindo. Respondi que estava bem, mas muito cansado. Ele me levou até meu quarto e disse para descansar à vontade, e depois voltou para conversar com Jorinã.

Tentei dormir, mas não conseguia. Sentia-me agitado, cheio de energia, estranhamente exultante. Fiquei recostado na cama, e ouvi a mesma respiração profunda de antes. Depois de algum tempo assim, levantei e fui ao banheiro; achei que talvez, se induzisse o vômito, ficaria mais aliviado. Cheguei a pôr o dedo na garganta, mas em vão. Resolvi tomar um banho quente e demorado, o que me ajudou a relaxar. Voltei para a cama, mas, de novo, não consegui dormir, e apenas tirei pequenos cochilos entrecortados e pouco repousantes.

José Antônio bateu levemente à porta, e eu lhe disse para entrar. Perguntou-me como eu estava, e lhe respondi que não conseguia dormir direito, que me sentia inquieto. Convidou-me para dar uma volta na campina; ainda eram oito horas e a manhã estava muito bela. Aceitei o convite, vesti-me e saí com ele.

A manhã estava gloriosa. Mas eu me sentia desligado e incapaz de qualquer esforço mental, embora, curiosamente, sentisse grande acuidade para percepção do ambiente. Via as flores e sentia seu perfume, via os pássaros, as borboletas e os mandacaros, e sentia o sol muito macio na minha pele.

Pensei em contar-lhe como tinha sido a noite, mas ele achou melhor que não conversar nada ainda, recomendando-me apenas relaxar e continuar caminhando na campina.

Depois de algum tempo voltamos para casa. O passeio me fez bem, pois de repente senti um sono imenso, atirei-me à minha cama e dormi.



## Capítulo 12

### O dia seguinte



## Capítulo 12 – O dia seguinte

Quando acordei, já eram quase três horas da tarde. José Antônio tinha ido buscar Adélia de charrete, trazendo também algumas compras que ela fizera na feira de domingo. Perguntou-me como eu me sentia, e respondi que estava bem, embora não sentisse nenhum apetite.

Mesmo assim, ele pediu a Adélia para preparar-me uma refeição leve. Almocei um pouco e depois fomos sentar na varanda. Ficamos em silêncio algum tempo, e depois ele me pediu para descrever como tinha sido a experiência com a Ayahuasca.

Contei detalhadamente tudo o que tinha acontecido à noite, e também pela manhã, quando fui ao quarto para tentar dormir. Ele ouviu atentamente, sem interromper. Depois me disse que havia conversado com Jorinã a meu respeito.

— Eu achei que não era necessário dar a Ayahuasca a você a essa altura, falou. Talvez no começo fosse mais útil, quando você estava muito resistente, para abrir um pouco a sua cabeça. Mas em poucos dias você se mostrou flexível e disposto a aprender. Jorinã, contudo, insistiu, e não vi nenhum mal nisso.

Perguntei o que ele queria dizer com “abrir a cabeça”.

— Quero dizer que o lado consciente da mente humana geralmente está restrito às atividades e convicções superficiais do ego, e há vários níveis em que pode ocorrer uma abertura. Num nível importante, isso significa tomar conhecimento dos conteúdos inconscientes. As experiências com o chá são muito variadas e cada uma é diferente da outra, isto é, o que é revelado e assim por diante, mas em geral as autodefesas diminuem, e a pessoa entra em contato consigo mesmo.

— Mas há outro tipo de abertura mental além desse, José Antônio?

— Sim, e num sentido muito mais profundo, respondeu. Além da ampliação da consciência e das experiências visionárias, o mais importante é perceber que a idéia do censor, o sujeito pessoal que reprime, deve sua existência ao mecanismo do cérebro, com suas

atividades automáticas de controle e repressão. Essas atividades ficam parcialmente desativadas, dependendo da intensidade da experiência com a Ayahuasca, e, conseqüentemente, o censor afrouxa suas rédeas. No entanto, a pessoa continua consciente.

Eu não sabia o que dizer. Sempre achei que eu era alguém não limitado ao aspecto material, e me era difícil concordar que o *eu* era apenas um maquinismo biológico, embora fascinante e altamente complexo como o cérebro. Expus a José Antônio esse raciocínio, e ele respondeu:

— Há dois níveis, ou duas naturezas no homem, como já lhe disse. O lado pessoal do homem não pode suportar sua própria finitude, a não ser instalando-se, qual parasita, no nível abstrato, impessoal, criando assim o ego pessoal como entidade permanente. O problema do homem é não conhecer sua primeira natureza, e ficar escravizado à segunda.

Ficou um momento em silêncio, observando-me. Eu estava admirado de sua clareza ao abordar um tema tão complexo, mas não disse nada e ele prosseguiu:

— Como você pôde ver, o chá enfraquece o ego-censor, que mantém trancadas as portas do inconsciente. Na sua fragilização, os conteúdos reprimidos então afloram e se manifestam como imagens religiosas ou demoníacas, ou como visões, sentimentos e emoções de todo tipo.

De fato, era assim que eu me sentira. Era como se estivesse adentrando uma selva escura sem ter como me defender. Mas eu não via como isso poderia me auxiliar, e comentei com José Antônio a respeito.

— Nossa mente é como uma casa mal-assombrada, cheia de formações emocionais enterradas vivas. Ela não é limpa, nem livre, nem arejada, e tudo isso é resultado da ação do ego-cérebro. Essa ação discriminativa e repressora deve findar. Para isso, precisamos aprender a nos observar passivamente, amorosamente, permitindo a manifestação desses conteúdos sem apego nem rejeição. Isso é um processo de limpeza interna, o melhor deles, a meu ver.

Perguntei sobre as imagens arrepiantes que me vieram intensamente, junto com automáticos sentimentos de repulsa e horror.

— Eram entidades do plano astral tentando obsedá-lo, ou seja, fazê-lo vibrar na mesma frequência que elas. Mas você agiu com sabedoria e apenas testemunhou tudo aquilo sem resistir, mas também sem agarrar aquelas impressões, simplesmente deixando o espírito fluir livre por entre as sombras.

Lembrei-me, porém, de que em outras conversas José Antônio tinha dito que o sentimento de ego-identidade do homem era enganoso, pois focalizava só uma, entre suas duas naturezas. Perguntei como era possível a persistência desse sentimento nas entidades do plano astral.

— Você se espanta de que almas desencarnadas possam manter a noção de identidade própria, atrelada aos conteúdos emocionais acumulados em vida. Mas eu acho ainda mais espantoso que conosco aconteça exatamente a mesma coisa, mesmo estando vivos e tendo a oportunidade de descobrir o que é que nos mantém escravizados a essa noção. Se não temos agora a mínima percepção de nossa primeira natureza, como esperar que a tenhamos no pós vida?

Ele invertera o escopo da minha pergunta, trazendo-a para o âmbito desta existência. E o que ele dizia era verdade. Pensei o quanto é arraigado o nosso sentido de ego-identidade, embora nossos sentimentos e opiniões, bem como o corpo físico, estejam em incessantes mutações.

— Veja o que acontece conosco, prosseguiu. Sentimo-nos enternecidos quando presenciamos uma cena tocante, ou envaidecidos quando nossas qualidades são reconhecidas, assim como nos enchemos de raiva quando somos provocados. O que têm em comum a ternura, a vaidade e a ira? Essas emoções nada têm a ver umas com as outras, e só possuem em comum uma única coisa: nosso sentido de identidade pessoal, com um *eu abstrato* a ser defendido. Quanto mais fortes as auto-imagens que compõem o ego, mais intensas serão essas emoções e maior será a sua reação, o que reafirma aquelas auto-imagens. Essa auto-referência é o que nos leva a nos considerarmos como entidades individuais, bem como a nossos semelhantes.

Parou de falar um instante, e depois prosseguiu:

— O que confere coesão e força a nosso conflituoso mundo emocional é a noção de haver um *eu pessoal único* para

experimentar esses conteúdos e reagir em consequência disso. De maneira misteriosa, isso continua acontecendo mesmo aos desencarnados. Portanto, falamos em entidades do plano astral porque prossegue o sentido de auto-identidade dessas vibrações, que, quando se manifestam, tendem a reproduzir nas pessoas o mesmo que elas estão sentindo.

Ocorreu-me que, mesmo nos aspectos mais comuns e banais do nosso cotidiano, essas características também estão presentes. Quando temos um sentimento qualquer, tanto agradável ou como desagradável, e o comunicamos a outras pessoas, queremos que elas sintam da mesma maneira que estamos sentindo, que é o que chamamos de empatia.

— É verdade, respondeu José Antônio. E, seres encarnados ou não, raramente predominam os sentimentos de gratidão, plenitude, desapego e amor. O mais freqüente é a predominância de sentimentos de mágoa, saudade, tristeza, ódio, revolta e tudo o mais, e o desejo de nova oportunidade, de um novo vir a ser. As almas humanas estão em escravidão e sofrimento; compreender isso é o despertar da compaixão no homem.

O crepúsculo enchia de cores o céu dosertão. Sentia-me melancólico e cansado, não conseguia pensar em mais nada e fiquei quieto. Relaxei bastante, e acho que cheguei a cochilar.

Mais tarde, Adélia nos chamou para cear. A essa altura eu já estava com apetite, e comi com gosto o belo lanche que ela havia preparado. Ela também fizera um chá de erva-doce com pedacinhos de gengibre, muito saboroso e digestivo. Levamos a chaleira para a varanda e a colocamos sobre uma mesinha.

Ficamos saboreando a excelente bebida e olhando a lua e o céu estrelado, que iluminavam a escuridão da vasta campina. Mas eu estava cansado demais para qualquer coisa, e logo depois fui dormir.

## Capítulo 13

### O segredo da percepção



## Capítulo 13 – O segredo da percepção

No dia seguinte acordei quase oito horas da manhã. Era uma segunda-feira. Completava-se o sétimo dia do período que José Antônio definira para meu “tratamento”, e em breve eu deveria ir embora. Notei que meus olhos haviam perdido a flexibilidade do dia anterior, recuperando a posição fixa do ponto focal costumeiro.

Depois do café, José Antônio me disse:

— Vamos caminhar um pouco.

Pus meu chapéu e saímos. O sol estava ameno. Caminhamos em direção às mesmas montanhas onde tínhamos apreciado o crepúsculo, no primeiro dia que estive com ele.

— Hoje, quero conversar com você sobre um assunto vitalmente importante, porém muito difícil. Deixei para o último dia, porque esperava que você estivesse mais maduro e receptivo, o que acho que realmente aconteceu. Vamos falar sobre a percepção.

Admirei-me de José Antônio colocar tanta ênfase no assunto, pois, até então, nunca tinha prestado atenção especial, no sentido metafísico a que ele parecia se referir, aos fenômenos da visão, audição, tato, olfato e paladar. Perguntei:

— Que pode haver de tão fundamental na percepção?

— A percepção em si, respondeu — isto é, o modo como o Universo se revela às criaturas sencientes, por meio dos sentidos, já é um fato portentoso. Já pensou nisso? A Energia Primordial se fragmenta em incontáveis formas vivas, dotando-as de sensores para coisas como forma, som, textura, odor, sabor. Só isso já é uma maravilha. Os seres humanos se interessam pela aparência das coisas, mas Aquilo que as anima, o substrato de energia vital comum a todas as formas, permanece fora de sua esfera de interesse, pois estão presos em seu egocentrismo utilitarista.

Fez uma pausa e olhou as montanhas ainda distantes, que o sol vestia de dourado. Logo depois prosseguiu:

— Note que isso não é um julgamento, pois é fato inegável que a maior preocupação do homem é satisfazer suas necessidades, desejos e paixões. E quando, geralmente movidos pelo medo, buscam pela Origem, pela Fonte, o fazem a partir de suas representações e atributos mentais, chegando apenas aonde suas projeções os conduzem.

— Não é somente medo, José Antônio — muitos estão buscando significado, compreensão, alívio para seus tormentos.

— Certo. Perguntemos, então, o que está na base dessa busca. Será o corpo físico? Não; ele exige muito pouco para sua satisfação, como se pode ver no mundo animal. Surge então a questão fundamental, que é existência ou não de um núcleo pessoal fixo e contínuo na mente humana, que é a base de sua felicidade e tormento, esperança e incerteza, tristeza e alegria.

— É assim que nos sentimos, disse eu, e, ao que eu saiba, toda a organização humana se faz em cima dessa hipótese.

— Exato, respondeu. Atuamos na crença incontestada de que há um percebedor interno continuamente “de prontidão” para receber, rotular, analisar e selecionar as impressões sensoriais, um sujeito que aprende, um pensador dos pensamentos, um sentidor dos sentimentos, e assim por diante — tudo reunido numa única entidade.

— Que é o chamado ego, completei.

— *Ego* é apenas um nome para *eu*, que é outro nome. Tudo em nosso universo mental se baseia em nomes, descrições. O que há além do nome? É isso o que precisamos descobrir. De qualquer modo, nosso mecanismo pessoal de reconhecimento, baseado no cérebro, e condicionado pela experiência anterior, “toma conta” da percepção e faz prontamente o reconhecimento verbal da coisa percebida, seu nome, forma e valor. Para a maioria de nós, percepção é o mesmo que reconhecimento, tal é a prontidão com que reagimos aos estímulos sensoriais e mentais, rotulando e classificando a coisa percebida.

— Mas há diferença entre percepção e reconhecimento? Sempre achei que são coisas simultâneas.

— Mas não são. Existe um intervalo de tempo entre a

percepção do estímulo e a identificação verbal da coisa percebida. Nesse intervalo ocorre a reação do cérebro. Agora, pense nisso: se acaso uma pessoa X puder experimentar conscientemente o instante inicial em que ocorre o estímulo, e antes da mente começar a reagir, para ela haverá uma outra coisa, que não o ego pessoal, presente no primeiro instante da percepção.

— Não creio que seja possível haver alguém nessas condições, José Antônio, objetei.

Ele ficou um instante em silêncio, e depois prosseguiu:

— Certo, você não acredita. Mas ouça. Para essa pessoa X, a percepção é um ato transpessoal, pois nesse momento não há o percebedor individual, o reconhecedor ainda não está reagindo. A atenção está focada na Realidade tal qual é, anterior a seu aprisionamento em nossa rede de descrições e significados, como coisa conhecida, nomeada, descrita e classificada, provocando-nos alegria ou tristeza, raiva ou bem-estar e assim por diante. A reação subsequente do nosso aparato mental, imediata e involuntária, apenas reflete nosso modo pessoal de identificar e reagir aos estímulos sensoriais, por meio das respostas condicionadas com que interpretamos as coisas.

— Nesse caso, a percepção teria duas fases? perguntei, já interessado pelo assunto, ao menos em tese.

— Sim, embora na primeira fase esteja num nível não-verbal, isto é, sem reconhecimento. É a Mente que está atuando, e não o cérebro. Nesse instante, não há nem o percebedor nem a coisa percebida; não há o objeto, pois trata-se de um momento anterior ao despertar do sujeito. Infelizmente, na nossa cultura, perdemos de vista o lado transpessoal da percepção e ficamos apenas com a reação automática do sujeito condicionado, nomeando e descrevendo a coisa percebida, e atribuindo-lhe valores e significados.

— Admitindo-se que isso seja possível, o que duvido, não vejo que utilidade teria a primeira fase da percepção. De que serviria uma percepção sem reconhecimento?

— Esse é o ponto: ela não é útil no mundo das aplicações! Não ajuda o homem a ganhar dinheiro, e coisas assim, se é o que

você quer dizer. E, talvez por isso mesmo, permanece ignorada pelo homem, sempre interessado em coisas utilitárias.

Achei que tinha encontrado um argumento válido para contestar José Antônio, e disse-lhe:

— Mas o fato é que trata-se de coisas diferentes e separadas, mesmo! Se eu vejo uma cadeira sem reconhecimento, nem por isso ela deixa de ser uma cadeira, e eu um ser humano.

— Você não pode afirmar isso, respondeu. Na primeira fase da percepção, o mecanismo de reconhecimento individual ainda não entrou em atividade, e, por isso, as coisas ainda estão indiferenciadas; não há sujeito nem objeto; não sabemos o que existe, se é que existe algo. Mesmo assim há percepção.

Achei que o assunto estava ficando mesmo muito complexo, e perguntei:

— Seria uma percepção inconsciente?

— Superconsciente seria melhor, corrigiu. O inconsciente é formado por lembranças ocultas, imagens perdidas, sentimentos adormecidos. É fruto da experiência humana e do esquecimento. A percepção superconsciente, ao contrário, não tem conteúdos; é a Presença; é a linguagem do silêncio, da Unidade.

Mais uma vez, ele aludia ao misterioso silêncio interior, o ponto hipotético em que cessaria o diálogo interno, colocando-nos perante o Infinito. Mas eu achava isso algo impossível de ser atingido. Objetivando um conhecimento mais prático, perguntei-lhe que problema poderia existir na segunda fase da percepção — que para mim era a única — para gerar o tormento humano do ontem e do amanhã, com suas frustrações e ansiedades.

— Essa é uma boa pergunta, respondeu. Na percepção-reconhecimento ocorre uma cisão na mente, gerando dois objetos mentais distintos: o percebedor e a coisa percebida, pois o ato de reconhecer, nomear ou descrever implica em dualidade. Podemos ver isso a qualquer som que escutamos, a qualquer perfume que cheiramos: há um “eu” psicológico que nomeia a coisa percebida, portanto, esse eu não pode ser a tal coisa.

O sol, já baixo no horizonte, anunciava o crepúsculo. Veio-

me uma dúvida repentina, e perguntei:

— A ser verdadeira toda essa história sobre os dois momentos da percepção, afinal quem é que percebe?

— O tempo todo quem está percebendo é o Espírito do Universo, respondeu. É um fenômeno impessoal. Porém, quase imediatamente, surgem as respostas automáticas do pensamento, ou seja, o mecanismo de reconhecimento do cérebro entra em ação — e o homem passa a considerar que dentro de sua mente há um núcleo pessoal, independente e contínuo, como o sujeito da percepção. É esse o equívoco.

Essa idéia era totalmente nova para mim. José Antônio estava dizendo que o Universo é o sujeito não condicionado da percepção, e que o ego pessoal só viria depois, na segunda etapa, reconhecendo e interpretando.

— Essa apropriação perceptiva explicaria nosso mundo de egos separados, pois são infinitas as possibilidades de condicionamento do cérebro, disse eu, pensando em voz alta.

— Sem dúvida. O percebedor pessoal da segunda fase da percepção é fundamental para nomear, descrever, reconhecer e dar significado ao mundo. Ele é uma espécie de parceiro da criação. O problema é que, quando o homem se vê como o sujeito contínuo da percepção, ocorre a dualidade em todos os níveis, interno e externo, respondeu. Então, para se reconciliar com seu próximo, o ego precisa *perdoar* o outro ego, e para se religar com a Realidade, o ego precisa *acreditar* em Deus, o ego precisa se dissolver, se entregar ao Divino, e tudo o mais. Tudo isso é ficção.

Não concordei com ele. Não via como o desejo de fusão com o Absoluto podia ser um obstáculo, e manifestei-lhe minhas objeções.

— Não há nada para se dissolver, respondeu. Desde o início só há a Energia Primordial se manifestando, mesmo na segunda fase da percepção, pois o ego é apenas o Ser vestido com a máscara de separatividade.

Dessa vez, ele me deixou mesmo confuso. Se bem entendera, ele estava dizendo que o ego é a própria Energia Primordial se manifestando no cérebro condicionado, e sendo seqüestrada pela

falsa noção de identidade pessoal, trazida pelo processo do pensamento. Perguntei-lhe se era isso mesmo o que ele dissera.

— Você entendeu bem. Mas há uma chance, se ele tomar conhecimento do primeiro nível de percepção. Aí tudo muda. Se ele tomar conhecimento disso, mas não por teoria, não por ouvir dizer, e sim *por sua própria vivência consciente*, então, ele verá que o ego pessoal se apropriou da percepção total e depois adquiriu continuidade, face aos constantes estímulos tanto sensoriais quanto mentais, que recriam o dualismo.

— O que exatamente você quer dizer com estímulos mentais?

— São aqueles que decorrem de nossas associações de idéias, raciocínios e julgamentos, mais do que dos objetos sensoriais, respondeu — e estão sempre presentes, mesmo na ausência destes últimos, mantendo o estado dual do percebedor e da coisa percebida, exceto no caso de sono profundo sem sonhos.

— Se é que existe a primeira fase da percepção, porque motivo não temos consciência dela?

— Já lhe disse, porque ela não é utilitária; não se encaixa no costumeiro pragmatismo humano e, por isso, o homem permanece a vida inteira sem ao menos vislumbrar essa possibilidade. Além disso, ela é instantânea, não nos dando tempo para pensar. Por isso nos passa totalmente despercebida, e permanece fora do padrão dual com que percebemos todas as coisas. Estar presente no instante zero dos estímulos significa vivenciar conscientemente uma Presença sem conteúdos, antes da reação automática do cérebro de reconhecer, nomear e descrever as coisas. É um território sagrado. Ali está o Ser verdadeiro, permanente e não condicionado; ali estão a Inocência, a Beleza, o Amor, a Compaixão.

Fiquei profundamente impressionado com as palavras dele. Nunca, nem em sonhos, eu pensaria nessa possibilidade. Mas continuei duvidando de que pudesse haver alguém tão atento a ponto de estar presente no exato momento em que ocorre o estímulo sensorial.

Manifestei-lhe meu ceticismo a respeito.

— A dificuldade existe porque, interiormente, estamos com a

atenção focada no discurso verbal o tempo todo, em nossos interesses, temores, preocupações. Decerto você já ouviu dizer que nossos objetos materiais não nos pertencem, nós é que pertencemos a eles. Assim também nossos conteúdos mentais, que representam esses objetos, não nos pertencem; nós, enquanto seres de energia, é que pertencemos a eles, pois estão constantemente requerendo atenção e despertando os mais diversos sentimentos e reações. Ou seja, assim como nosso corpo físico se relaciona com objetos físicos, nosso *eu* está sempre em relação com as representações mentais desses objetos, num permanente estado de cisão interior.

Nesse ponto, fez-se uma pequena luz dentro de mim. Lembrei-me de que tinha lido, em algum lugar, que ter consciência de um objeto implica em ter um modelo desse objeto na mente. José Antônio parecia estender esse raciocínio, dizendo que o ego, sendo a idéia que fazemos de nós mesmos, está continuamente se relacionando com esses objetos, no nível mental. Isso explicaria a dificuldade que temos para vivenciar um estado de silêncio interior.

Comentei com ele essa visão do processo mental.

— Temos duas maneiras de abordar a questão. A primeira seria a existência de um ego fixo, imerso na consciência, com os objetos mentais gravitando ao seu redor, e se relacionando com eles por meio das percepções, sensações, sentimentos e juízos. Essa concepção é a base da ética, moralidade e da religião tradicional, com o ego a receber castigos ou recompensas no futuro.

— Essa maneira de ver me parece bem familiar, José Antônio. E qual seria a outra?

— Outra maneira é dizer que os próprios objetos mentais é que constituem a nossa consciência discriminativa, que é a única que conhecemos. Isso, embora de uma maneira mais primitiva, está presente também nos animais. A ego-identidade vem depois, e é um acréscimo evolutivo formidável, com tudo de bom e de ruim que possa ter. Até agora, tudo o que conversamos sobre percepção é uma tentativa de entender qual é a origem dessa idéia.

— Mas essa outra maneira não se parece com a primeira? Porque, afinal, chegamos ao mesmo lugar, com a emergência do ego.

— Não exatamente, respondeu. Ao não tomar o ego como uma coisa que nos é dada pronta e acabada, e procurar por sua origem, descobrimos que ele está em constante processo de construção. O corpo avalia todo estímulo sensorial como bom, ruim, ou neutro. Por sua vez, o julgador interno está avaliando não só esses estímulos, mas também os objetos de onde eles procedem. Essas avaliações são confrontadas com suas experiências, opiniões e juízos anteriores, gerando novos conceitos e sentimentos sobre as pessoas e coisas. Nesse caso, o ego está acontecendo, se modificando; não se trata de um produto fixo com o qual chegamos ao mundo, e que permanece imune ao tempo.

Percebi que, nessa segunda maneira de ver, ele estava questionando a noção de permanência do ego, e mostrando-o como algo em construção e sujeito a mutações. Perguntei-lhe onde ele queria chegar com estímulos avaliados como bons, ruins, ou neutros.

— Os estímulos neutros geralmente são desconsiderados por nossa percepção seletiva; é o que acontece no instante zero dos estímulos. Só o prazer e dor possuem significado emocional; por isso, os juízos verbais correspondentes nos mantêm em permanente estado de aprovação ou condenação, de tagarelice, mal ouvindo o que os outros dizem. Tendo visto a si mesmo como o sujeito contínuo da percepção, o homem tem que sair para o mundo da multiplicidade dos objetos à procura de sua realização. Mas depois, se ele tiver a compreensão correta, o que é um verdadeiro milagre, ele poderá retornar para a Unidade.

Ele parecia estar falando do mito bíblico da queda do Paraíso. Perguntei-lhe sobre isso.

— O homem no Paraíso não sabia que era feliz, pois estava no Absoluto, e faltava-lhe o contraste. Mas talvez pudéssemos dizer que o homem mais foi convidado a sair, do que saiu por conta própria. A Energia Primordial projeta para fora de si incontáveis partículas de seu próprio Ser, para testemunho de si mesma. Mas esse testemunho só ocorrerá no retorno consciente à Unidade.

Várias associações passaram pela minha mente. Lembrei-me do dito bíblico, que eu nunca entendera, de que “Deus criou o homem para sua própria glória”. Depois me veio também à mente a parábola do Filho Pródigo. Conteí a José Antônio o que me ia pela

cabeça.

— Mas é exatamente isso o que a parábola do Filho Pródigo quer dizer, respondeu. Perdendo de vista a primeira fase da percepção, o homem internaliza profundamente a idéia de ser *ele* o sujeito absoluto da percepção, com identidade própria, diferenciando-se da Unidade. Ele não percebe que está “montado” na Energia Primordial, e então sai para o mundo da multiplicidade psicológica só para sofrer miseravelmente, ser humilhado, para que seja quebrado seu orgulho, desmanteladas suas auto-imagens, arrancadas as suas máscaras. Talvez um dia, então, ele questione sua ego-identidade, sua separatividade. Ele terá uma sorte infinita se compreender isso. Se isso ocorrer, ele poderá, completamente destruído e em farrapos, voltar para a casa do Pai, onde é acolhido com grande alegria, pois está retornando à Unidade de onde saíra. É um momento de glória, pois o Universo está celebrando a si mesmo por intermédio dele.

Essa interpretação da parábola bíblica me afetou bastante. Eu já a conhecia dos tempos de moço, e, após enveredar por meus próprios caminhos tortuosos, caminhando no deserto de uma vida sem sentido durante quarenta anos de percalços, doenças, perdas e separações, eu nunca abandonara a idéia de ser *eu* o Filho Pródigo, com a diferença que jamais encontrara o caminho de volta para casa.



## Capítulo 14

### A despedida



## Capítulo 14 – A despedida

Tínhamos andado uma longa distância, e resolvemos voltar. Chegamos em casa depois do meio-dia e, algum tempo depois, Adélia nos chamou para o almoço, servindo-nos uma refeição leve. O calor estava muito forte, e nos alimentamos mais com frutas e líquidos.

Após o almoço fui para meu quarto e descansei um pouco. Minhas coisas eram poucas e já estavam arrumadas para a viagem.

Por volta das três horas da tarde, Adélia fez um café saboroso, que ficamos degustando na varanda. Eu sabia que estava contemplando aquela campina imensa pela última vez antes de voltar a São Paulo. Quanto ao futuro, não tinha a menor idéia.

Perguntei a José Antônio porque ele fora tão ríspido comigo, no primeiro dia que passei com ele. Ele disse que eu viera muito carregado de intelectualismos e cheio de máscaras, e também que faltava com a verdade ao mencionar meus problemas, falando como se fosse de outra pessoa.

— Era tudo ou nada, disse. Tinha que quebrar suas muralhas. Sabia que você poderia não agüentar e retirar-se no dia seguinte. Por outro lado, seria inteiramente inútil mantê-lo aqui escondido atrás de suas defesas. Eu precisava ter certeza de que era genuíno seu interesse de descobrir as causas de sua depressão, tristeza e frustração.

— Aprendi muito com você, José Antônio, comentei.

— Não se fie nisso, meu amigo. Não aprendemos com os outros. De nada adianta ouvir palavras e mais palavras sobre as coisas. A aprendizagem meramente intelectual é um engodo; se nos contentarmos com isso, estaremos nos infligindo um grave engano. Você só saberá o quão real é seu aprendizado na sua vida cotidiana. Tudo o que temos a mão é a possibilidade de compreender as causas do egocentrismo, da separatividade, da incompletude. Essa é a chave para descobrir as raízes do sofrimento, e talvez, então, haja uma transformação efetiva da pessoa. Do

contrário, será apenas um intelectualismo mais refinado.

Eu entendia o que ele queria dizer. Sempre me perguntara o que seria uma mudança real numa pessoa, e certamente não via nenhuma mudança profunda em mim próprio, apesar de ter, talvez, muito conhecimento intelectual. Mesmo assim objetei:

— Mas você mesmo utiliza as palavras com desenvoltura.

— A linguagem falada sempre foi utilizada com fins de ensino. Não se pode descartar seu poder. A palavra é fundamental para comunicação, para clarear o conhecido, e também para fazer perguntas inteligentes, que podem abrir espaço para a criatividade, para o surgimento do novo. Mas o poder da linguagem verbal é muito limitado, em parte porque as palavras *se referem* às coisas, mas não são as coisas a que se referem, e em parte porque a pessoa está *ouvindo a si mesma*, em primeiro lugar. Portanto, tudo depende do ouvinte; se ele ouvir interpretando as coisas que ouve, tudo está perdido, pois quando ele concorda com algo, é consigo mesmo que está concordando, e quando discorda, está apenas defendendo suas próprias convicções.

— Mas a busca com certeza é válida, respondi — do contrário, como ficaria todo aquele que está sofrendo com as perdas, desgostos e temores, e com a certeza da morte nos espreitando para pôr fim a uma existência sem sentido?

Ele olhou para as montanhas distantes, parecendo desconectado de minha pergunta, mas depois respondeu:

— Quem sofre deseja o fim do sofrimento, por isso procura seu caminho na vida. E isto significa estar completamente presente onde se está presente, em todos os momentos, o que é uma coisa muito rara, pois nossos devaneios nos levam para muito longe.

Parou um momento e fechou os olhos, depois prosseguiu:

— Muitos querem libertar o espírito de sua prisão de enganos, mas querem ao mesmo tempo edificar um novo corpo de conceitos, crenças, valores e significados. Isso é como acumular dinheiro no banco; a pessoa tem uma sensação de segurança, de ter onde se agarrar. Mas é uma falsa segurança; se o navio está afundando, seu dinheiro não vale nada; quando chegado infortúnio, suas leituras,

memórias e pensamentos edificantes não irão lhe trazer paz. Não foi nada disso o que você aprendeu aqui.

Era verdade. No início de minhas buscas, talvez eu quisesse adquirir alguma espécie de conhecimento espiritual, que me tornasse imune ao sofrimento. Mas ele nada me dera, e ainda me mostrara a superficialidade de minhas idéias e convicções. Mesmo assim, eu me sentia muito diferente do homem que ali chegara, há uma semana atrás.

— Agora vamos, disse — vou até Vapabuçu com você, tenho coisas a fazer por lá.

Despedi-me de Adélia com um abraço. Dei-lhe um pequeno presente em dinheiro, sob permissão de José Antônio, mas ela recusou. Foi preciso a intervenção dele, para que a boa mulher aceitasse.

Entramos no carro e seguimos para Vapabuçu. O sol estava um pouco mais ameno, e os vidros abertos deixavam entrar uma brisa muito agradável, enquanto eu apreciava o sertão imenso, deserto e imóvel.

Em pouco tempo estávamos na cidadezinha. Fomos direto à loja de Laurindo, que, como sempre, veio nos receber alegremente. A loja estava muito bem arrumada, com prateleiras novas, e Aninha atendia alguns fregueses no balcão. Laurindo tinha uma lista de atendimentos que José Antônio deveria fazer.

Enquanto eles conversavam, fui até uma agência bancária do centro. Na volta, comprei várias garrafas de água gelada; deixei algumas no carro, e as outras levei para a loja. Ficamos conversando, enquanto bebíamos água. Eu me sentia pouco à vontade, e pesava-me o clima de separação.

Então, despedi-me de Aninha e Laurindo, que me deu uma sacola contendo várias espécies de ervas curativas, com as quais eu estava bem familiarizado, e que tinham me ajudado nos sintomas físicos.

Puxei José Antônio suavemente pelo braço, para acompanharme até o carro, perguntando sobre o preço que deveria pagar-lhe. Mas ele me surpreendeu, dizendo:

— Você é que fará o preço, de acordo com a valia do tratamento, e com o que pode pagar; é esse o critério que uso nos meus atendimentos.

Insisti em que ele estipulasse um valor como referência, mas em vão. No fim, separei uma quantia e lhe entreguei. Ele pegou o dinheiro, depois me olhou e disse:

— Obrigado. Nós aqui somos muito pobres, e isso vai nos ajudar. Mas não pensamos em enriquecer; isso só iria nos encher o espírito de atribulações.

Abracei-o então, em silêncio, e entrei no carro. Ele voltou para junto de Aninha e Laurindo, que me davam sinal de adeus com as mãos, perguntando-me quando voltaria.

Olhei para eles, mas não respondi; tinha os olhos marejados de lágrimas. Meu coração batia forte, e eu estava muito emocionado. Parecia que, com eles, deixava uma parte de mim.

Liguei o carro e fui embora.

Capítulo 15  
Ponto de transição:  
A ponte Petrolina-Juazeiro



## Capítulo 15 – Ponto de transição: a ponte Petrolina-Juazeiro

A estrada tinha pouco movimento, e eu guiava devagar. Estava me sentindo vazio, e não conseguia articular nenhum raciocínio; queria apenas contemplar a enormidade do sertão. De vez em quando via umas fazendas, maiores ou menores. A caatinga deserta e silenciosa, que antes eu achava árida, deprimente e até ameaçadora, não me incomodava mais; sua solidão me parecia benéfica e seu silêncio, repousante.

A oeste, o sol se despedia mais uma vez, num espetáculo de luz e cores deslumbrantes. Cerca de uma hora depois, a estrada terminou na rodovia principal, margeando o São Francisco, e peguei à direita, rumo a Petrolina. A paisagem ia ficando cada vez mais próspera e movimentada à medida que me aproximava da cidade. Segui para o mesmo hotel onde me hospedara ao chegar num sábado à tarde, dez dias antes.

Liguei para Júlio, imaginando que já estivesse em casa, mas não o encontrei. Liguei para o seu celular e, depois de algumas tentativas, consegui falar com ele. Ele e Marlene haviam prolongado sua estada em Recife, pois pretendiam visitar João Pessoa, e só voltariam no sábado. Insistiu que eu fosse até lá passar uns dias, mas eu disse que precisava voltar para São Paulo. Achei que seria bom ficar sozinho, amadurecendo as reflexões sobre tudo que aprendera com José Antônio.

Ainda era cedo, e depois de me instalar no hotel procurei meu caderno, até então não utilizado. Queria escrever um resumo dos ensinamentos de José Antônio, destacando seus pontos principais.

\*\*\*

## **Auto-observação**

Auto-observação é o processo que consiste em tomar conhecimento de quaisquer pensamentos e emoções, sem nada segurar, e nada expulsar. Isso equivale a não reprimir os pensamentos, mas também não acreditar neles, e não os tomar por ordens emocionais, pois eles são um instrumento muito limitado e distorcido ao interpretar a realidade. Segundo ele, esse processo é a base do autoconhecimento, e deve ser praticado constantemente.

## **Consciência discriminativa**

É o conjunto de todos os conteúdos mentais, isto é, os pensamentos e imagens que representam os objetos da experiência, acrescido dos processos de comparação e avaliação, que levam aos pares de opostos.

## **Pares de opostos**

Todos os conceitos e representações mentais humanas têm apenas sentido relativo. Isso significa que valores afetivos ou morais como verdade, amor, liberdade, bondade, honestidade e modéstia só existem graças a seus opostos que são a mentira, o ódio, prisão, maldade, desonestidade e arrogância. Se todos fossem honestos, não haveria a idéia de honestidade, e assim ninguém seria honesto. É preciso o atributo oposto para qualificar um atributo qualquer.

## **Dualidade e transcendência**

A natureza dual do homem se mostra não apenas pelos pares de opostos mentais com que ele representa a realidade, mas

também pela idéia de um ego pessoal que se supõe ser o *pensador* separado dos seus pensamentos, o *percebedor* contínuo que é responsável e diferente das coisas percebidas, o *sentidor* das emoções que não se confunde com elas. O ego vê a si mesmo como uma entidade pessoal permanente e acima dos conteúdos da consciência discriminativa, o que o leva à posição de censor que permite alguns conteúdos e reprime outros, aprofundando a divisão interna.

Ele não concebe a transcendência de si mesmo senão pela supressão e aniquilamento de metade de sua natureza dual. Sentindo-se separado de Deus, o ego acredita que precisa se “purificar” para adquirir méritos e merecer recompensas futuras.

Então, passa a selecionar apenas um dos elementos de cada par de opostos, que fica na consciência, e rejeitar o seu correspondente, que fica na sombra, sem perceber que a supressão de um atributo psicológico significa aumentar e energizar seu lado oculto. Além disso, está utilizando o conflito e esforço interior como meio de atingir a paz e o repouso ao longo do tempo, *como se os fins fossem diferentes dos meios*.

## **Absoluto**

Sobre o Absoluto nada se pode dizer, a não ser por negativas. Não pertence à esfera verbal; não pode ser descrito por palavras e nem representado por imagens, pois está além da percepção mental e sensorial. Portanto, não é algo que possa se transformar num conceito, e não pode ser pensado nem representado na mente humana de qualquer maneira que seja. Tudo o que se pode fazer é sentir sua Presença, não por meio do pensamento ou emoção, mas pelo silêncio interior.

## **Sabedoria**

Sabedoria não é conhecimento, não é fruto das aprendizagens

do passado nem de objetivos ou ideais a serem atingidos no futuro; é um indefinível estado de prontidão do espírito, não aprisionado na rede de conceitos e preconceitos, ou de quaisquer pares de opostos da mente.

## **Compreensão**

Assim como Sabedoria não é conhecimento, compreensão também não é um conteúdo da mente, não é coisa material. É o Ser se revelando a si mesmo, uma descoberta em primeira mão, mesmo que seja a partir de leituras ou reflexões.

## **Percepção**

Toda percepção possui duas fases, mas o ser humano só percebe uma delas, que é o reconhecimento da coisa percebida, isto é, atribuição de nome, forma, atributos e significados. Essa fase é útil para sua subsistência, satisfação das necessidades e de seus desejos, porém esse reconhecimento geralmente é acompanhado de uma reação emocional inadequada, gerando resíduos mentais e conseqüências cármicas.

Mas, anterior a ela, há o que ele chamou de instante zero do estímulo, quando o mecanismo de reconhecimento do cérebro ainda não entrou em ação. Nesse momento, o que está presente não é o sujeito pessoal ou ego, pois ainda não há o objeto. As coisas ainda estão indeterminadas; tudo o que existe é a Presença não pessoal. Essa fase da percepção não é utilitária, por isso não é jamais testemunhada pelo ego, cuja atenção está sempre focada em seus interesses e nos conteúdos de sua memória.

José Antônio chamou-a de percepção transpessoal, e afirmou que o percebedor é o próprio Universo, o Absoluto, a Totalidade.

## **Silêncio**

A linguagem verbal é solução e problema ao mesmo tempo. Ela permite nomear, descrever e nomear as coisas, mas implica o dualismo mental, ou seja, um sujeito psicológico diferente da representação mental da coisa nomeada. Por isso, não se pode saltar do nível verbal para o Absoluto por meio da palavra, que é o fundamento do plano relativo.

Porém, há outra linguagem mais efetiva e primordial, que é a linguagem do silêncio. Este ocorre na percepção transpessoal, ou seja, no instante anterior ao reconhecimento de qualquer objeto. Para focalizar a atenção nesse momento, o homem precisa desapegar-se de seus conteúdos, o que equivale a vivenciar o estado de auto-observação e sentir a Presença do Absoluto.

## **Unidade**

A dissolução do ego como objetivo é uma contradição e uma impossibilidade, pois quando o sujeito psicológico aspira seu próprio desaparecimento, seguramente ele está dando continuidade a si mesmo. José Antônio afirmou que não há nada para se dissolver, nem ninguém para almejar o retorno ao Absoluto. Tudo o que o homem tem a fazer é sentir sua Presença, e para isso, precisa vivenciar o silêncio interno, focando sua atenção no instante que precede a descrição verbal dos estímulos mentais.

\*\*\*

Quando terminei de escrever esse resumo, tinham-se passado várias horas, e eu estava exausto. Era mais de meia-noite. Caí na cama e adormeci profundamente, e, quando acordei, já eram quase oito horas.

Desci ao restaurante e tomei o café da manhã, e depois subi de novo, para pegar as malas. Fiquei um pouco na janela do meu apartamento, olhando a praça lá em baixo, vendo as pessoas seguirem para seus empregos e atividades de cada dia, com suas mentes tomadas por esperanças, temores, ansiedades e preocupações. Eu via a mim mesmo em cada uma delas.

Peguei o carro e rumei para a magnífica ponte sobre o Rio São Francisco, que liga Petrolina a Juazeiro da Bahia. Eu já fizera esse mesmo caminho aos vinte e dois anos de idade. Na ocasião, era recém formado em Matemática, estava de férias e viajava com minha primeira esposa e minha irmã. O futuro era uma coisa promissora e colorida, e meu pensamento viajava em possibilidades gloriosas.

Depois, ininterruptas ondas de impermanência me golpearam incessantemente. As coisas vinham e iam em turbilhão, em uma seqüência lancinante de ascensões e quedas, conquistas e perdas, destruições e recomeços, até chegar a um ponto de completo esgotamento psicológico, quando fui levado de roldão pelas circunstâncias da vida. Via-me percorrendo um deserto de identidade e de significados, em busca de um caminho na vida e me perguntando sem cessar: *quem sou, o que estou fazendo neste mundo, e que sentido tem tudo isto?*

Trinta e três anos depois, eu estava de novo sobre a ponte, desta vez, só. Muita, muita água tinha rolado desde então; antes, eu estava pronto para conquistar o mundo; agora, eu era um aprendiz da simplicidade.

Cruzei lentamente a ponte, vendo o majestoso Rio São Francisco correndo livre e revoltolá em baixo, e comecei a cantarolar baixinho a canção de Caetano Veloso:

*Velho Chico, vens de Minas  
De onde o oculto do mistério se escondeu  
Sei que o levas todo em ti,  
Não me ensinas,  
E eu sou só eu, só eu, só, só eu.*

## Notas sobre o autor

*Licenciado em Matemática e especializado em Informática no Japão, o autor mantém o site [www.desenredo.com.br](http://www.desenredo.com.br) como um espaço inteiramente voltado à poesia, contos e textos que possam despertar o interesse pelo autoconhecimento, estimular o sentido do belo e favorecer a reflexão aprofundada sobre a natureza humana.*

*Para contatos de seus leitores, o autor solicita que seja utilizada a página “Fale Conosco” do referido site.*

